

POEMAS
DE ALBERTO RAMOS



ARIEL
1934

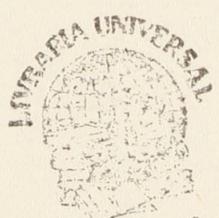
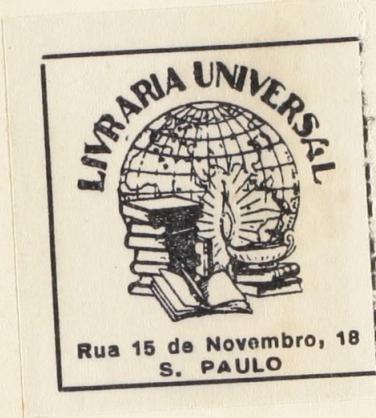


Rua 15 de
S.

1811

F

n. 553



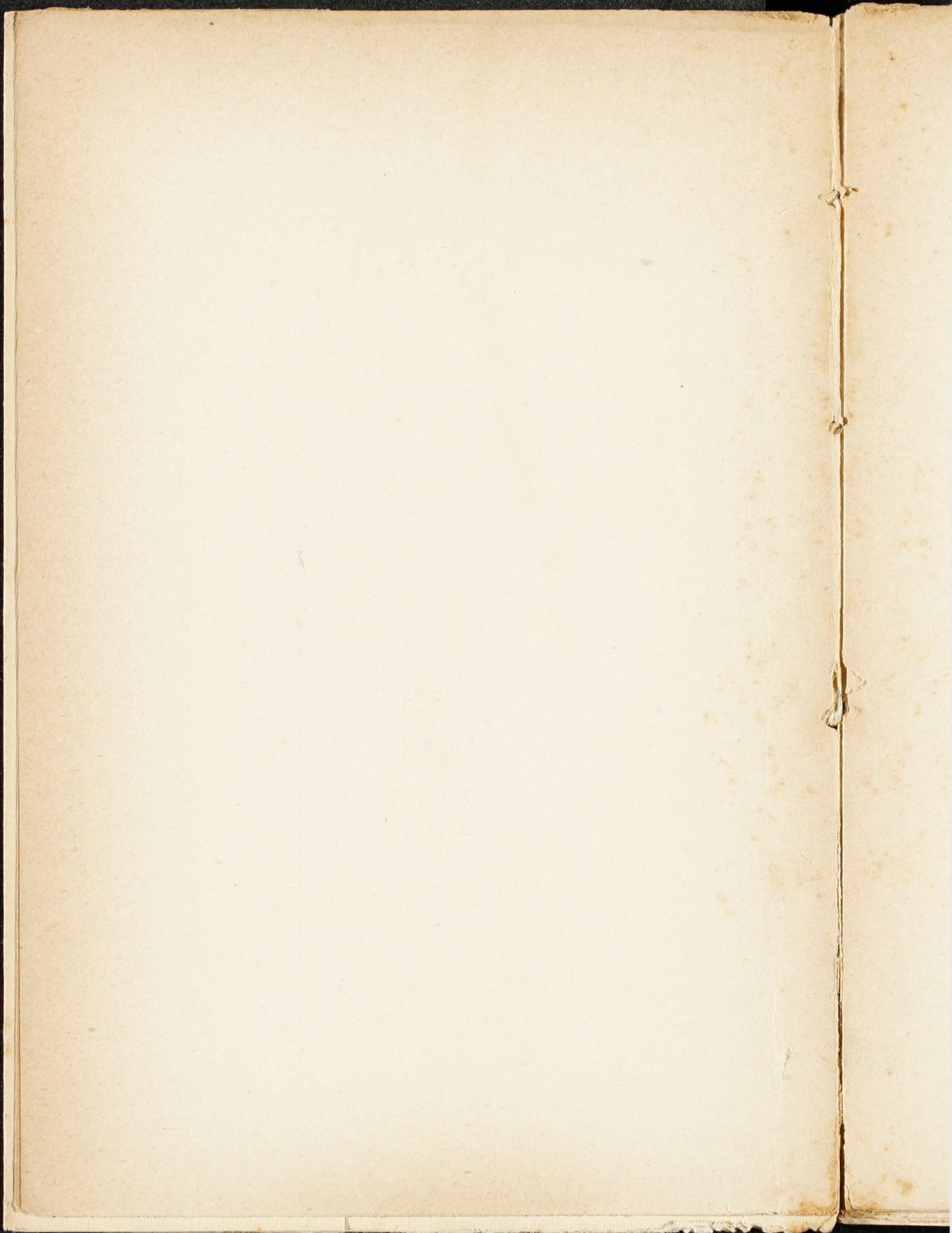
D. Silva do Valle
Rua 15 de Novembro, 18
Teleph. 2-3221
S. PAULO

P6

POEMAS DE ALBERTO RAMOS

MARIO DE ANDRADE

~~F~~ + ~~II~~
~~41~~



POEMAS

DE ALBERTO RAMOS



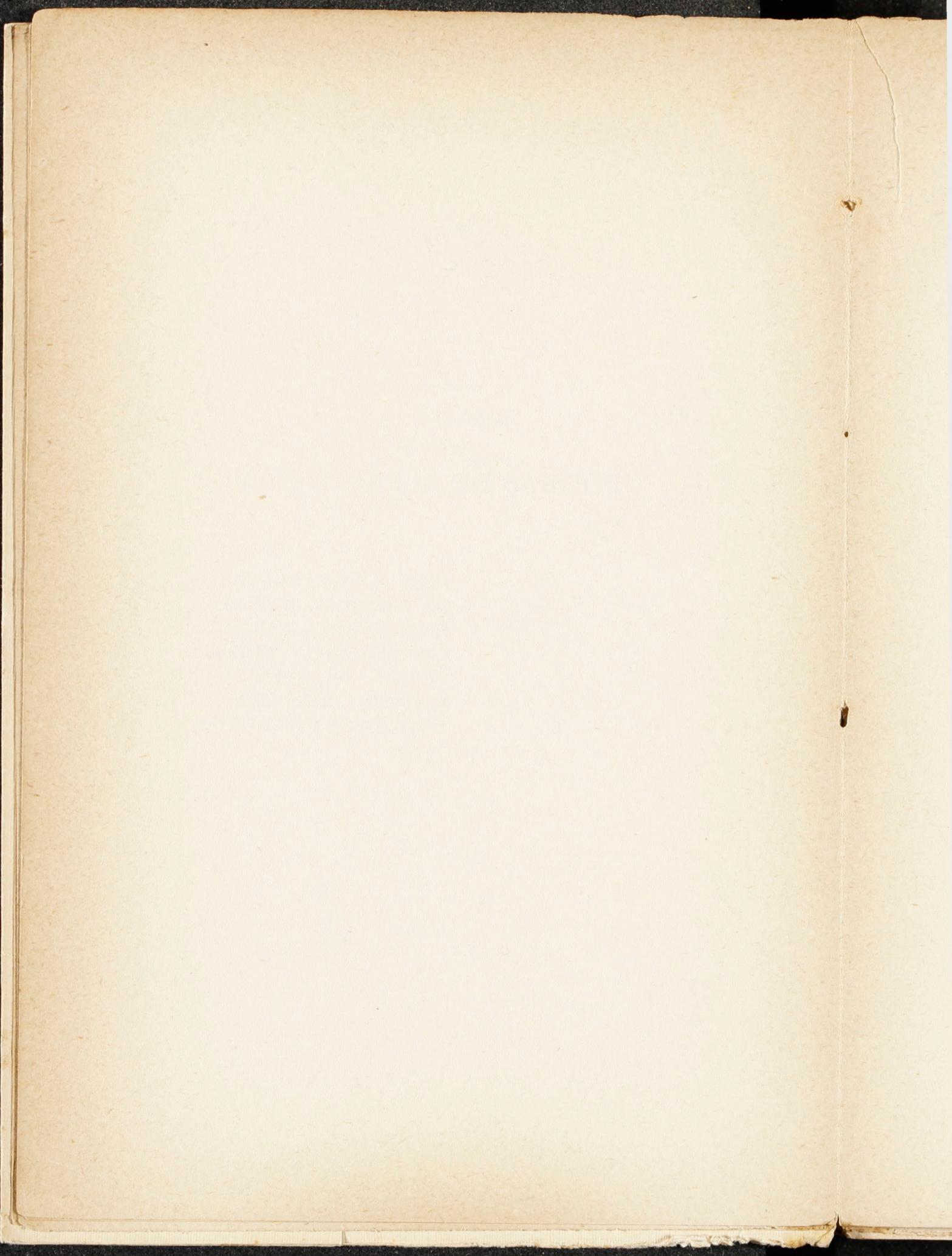
ARIEL EDITORA LTDA.
RIO DE JANEIRO

TKR

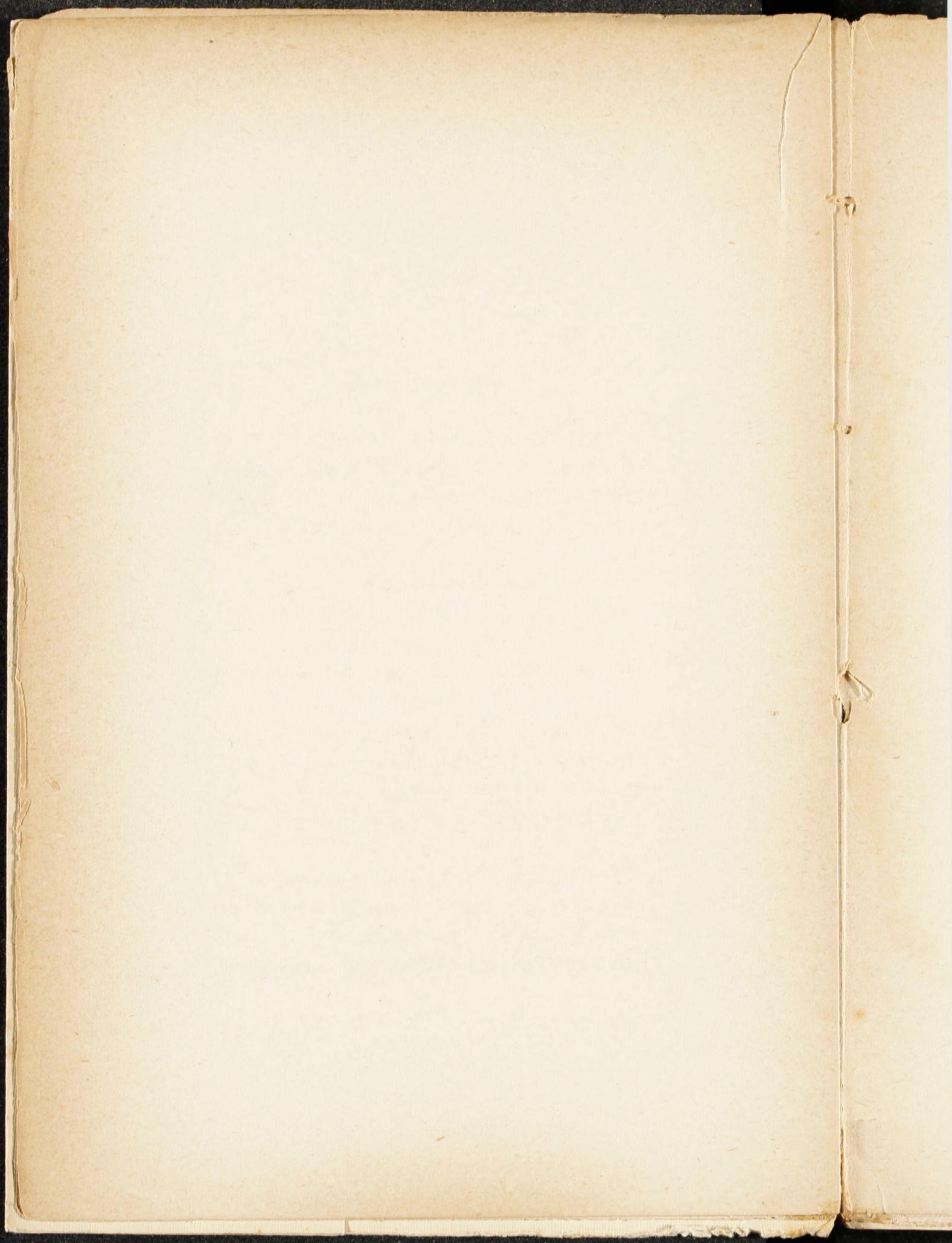
MA
869,9149
R 1#5 1e

POEMAS DE ALBERTO RAMOS

ODES — O ULTIMO CANTO
DO FAUNO — ELEGIAS —
EPIGRAMMAS — CANTO DO
CENTENARIO — ULTIMOS
VERSOS — APPENDICE:
ESTUDOS ALLEMÃES —
VERSOS PROHIBIDOS.



O D E S



O REBANHO

Clara, irrorada, rosea, na altura
rempe a manhã; folga á luz da vida
todo ser, toda criatura.

Porque só o homem cala e duvida ?

Porque, Senhor, neste immenso grito
de alegria que arrebata a esphera,
um ser, um unico, proscripto,
o homem descrê, o homem desespera ?

Vê longe os campos que o sol consome
crestados, hirtos, á chuva e ao vento,
erma a casa, os filhos com fome;
volta os olhos para o firmamento,

onde o teu nome fulgura escripto,
donde o teu verbo, Christo, dimana,
e pelos muros do infinito
de astro em astro repercute hosanna;

e te interroga com gesto infindo
de desalento, Deus das alturas,
si lhe dás este azul tão lindo
para cobrir tantas desventuras.

Ante os seus olhos já meio extintos
os céus, banhados da luz da aurora,
apparecem de sangue tintos:
uma visão sinistra o apavora.

Longe o rebanho, pausadamente,
em fila extensa sobre os caminhos;
cabisbaixo, mastim á frente,
vai o exercito dos cordeirinhos.

Innumeraveis pela montanha
marcham na luz da paz, da concordia.
Christo! numa alleluia estranha
balindo á tua misericordia;

candidos, niveos, doceis ao mando,
cheios de resignação sublime,
gloriosos, abençoando
a mão que affaga, ainda a que opprime.

Que rumo levam ? Por que apartado
tortuoso caminho aventuras,
guardador, o teu manso gado ?
O' a vertigem lá nas alturas !

O' nas montanhas o malefício,
de noite, á flor do abysmo traiçociro...
Christo, affasta-os do precipicio
e do cutello do carniceiro.

Toma-os na tua guarda divina,
reergue o fraco, acalenta o arisco;
si algum transviar-se, illumina
docemente o caminho do aprisco.

Repete o caso das Escripturas,
o grande exemplo aqui dá de novo;
tambem são tuas criaturas,
teus filhos são, Jesus, é o teu povo,

que além caminha, de ti perdido,
dos teus pacigos, celeste Lyrio,
sombrio, humilhado, cingido
da palma triumphal do martyrio !

A UM CAMPEÃO DE NATAÇÃO

Bravo, athleta ! Com robusto braço,
fendendo a vaga, alcançaste a méta.
Triumphador do tempo e do espaço,
campeão sem rival, bravo, athleta !

Com que audacia resistiu á prova !
Como affrontou, sorrindo, o perigo !
Moço illustre, o teu valor renova
os prodigios do heroísmo antigo.

Do antigo tempo, da idade de ouro,
quando imperava, deusa serena,
Afrodite ! e era divino o louro;
quando a gloria illuminava a arena.

Y
Quando tangia Pindaro a lyra
altisonante, sacro poeta,
e o verso illustre que a musa inspira
celebrava os heróes. Bravo, athleta !

Alma de heróe, braço de colosso,
da liberdade penhor seguro,
gloria, gloria ! Nos teus nervos, moço,
estremece o germen do futuro;

por que hade vir a alvorada certa
do bem, da paz, das artes florentes,
e a patria resurgirá liberta,
integra augusta e grande entre as gentes

ODE DO CAMPEONATO

Salve, amplo mar, ridente mar, salve augusto oceano
maravilhoso ! immenso como o desejo humano

e como elle insoffrido e amargo e nunca satisfeito,
atormentado mar de incontentado peito!

Tu conduziste a lide nova, a novos céus, a novos
feitos as náus errantes no alvorecer dos povos;

as que impellia a gloria, erectas pelo mar em fóra,
retumbantes do choque de armas, sulcando a aurora,

fendendo o azul, soberbas quinas, alvas caravellas,
e as que a sêde implacavel do ouro enfunava as velas.

Do teu bojo immortal germinaram, ó mar fecundo,
raças de semi-deuses, maravilha do mundo,

mensageiros de paz, portadores de immensa gloria
e de immensa miseria, vasta e sublime escoria.

Mas nunca aurora assim raiou alto num céu tão puro,
mar, como esta alvorada esplendida do futuro

desabrochada em flor! Mar bravio, o teu furor amansa,
é o nosso orgulho, a nossa gloria, a nossa esperança,

é a joven flor da nossa exaurida cançada raça
que nos teus verdes campos hoje triumpha e passa.

Sê-lhe propicio, ó mar, bravo mar, sé-lhe clemente e amigo;
dá-lhe a lição da força, rigida no perigo,

grande na guerra, heroica na paz, divina na morte;
canta-lhe a tua estrophe prodigiosa e forte

que vibra e chora e ri, que estremece, amargo oceano,
de todos os tumultos do coração humano;

canta-lhe, ó mar sagrado, a tua estrophe sonóra
e esta phalange ensina como ensinaste outr'ora,

mar fremente, os avós, quando extaticos da amurada
das altas náus sorriam á tua voz sagrada.

Tu lhes falavas no orgão terrivel dos elementos,
no tumulto das vagas, na batalha dos ventos

soltos redemoinhando em torno, zunindo nos mastros,
ao clarão da metralha, sob o docel dos astros,

na paz, na guerra, á pôpa, á prôa, rugidor, afflito,
e na immobildade tragica do infinito.

Nos largos peitos, sob a rijeza das armaduras,
insuflavas o amargo sopro das auras puras

e alto á face de Deus, desdobrado na immensidade,
mar, bramias o augusto canto da liberdade.

O' verde mar, profundo mar, aqui repete a prova
e para os de hoje a mesma rude canção renova
com que outr'ora embalaste o berço dos antepassados.
O' velho mar, os braços pendem-nos já cançados,

e só pigmeus, maldito céu! gera o ventre materno.
Mas tu, titão potente, mas tu, gigante eterno,

pulso do mundo, immenso mar, vibração do universo,
mar incessantemente renovado e diverso,

innumeravel mar pullulante de germens novos,
energia das raças, alegria dos povos,

mar fulgurante, aqui te invoco, protector robusto,
mestre de inclitas artes de arduo labor augusto

e infatigada vida incessante obstinada e rude,
aqui te invoco ! educa, fórmá esta juventude,

joia do nosso amor, mimo e orgulho da patria afflita,
que ás tuas verdes praias hoje se precipita

e exulta, e da esperança agita o pendão no horizonte,
bella e de um sonho heroico resplandecente a fronte.

Canta-lhe, ó mar, o canto dos bravos; a melodia
férvida dos valentes canta-lhe noite e dia;

ruge-lhe, ó mar, o grito de guerra da sentinelha
que o dormente desperta, brada ao que passa e véla,

e o que esquece, e o que sonha, a nova ardua pugna convida;
canta-lhe a melopéa formidavel da vida,

communica-lhe o ardor da tua grande alma insubmissa,
sêde do bem, sêde da paz, sêde da justiça,

por que ha de vir a aurora inflammada na noite incerta
da tirannia e a patria resurgirá liberta.

Sagra esta adolescencia divina para a victoria,
mar, e lhe asperge a fronte com o baptismo da gloria !

A SANTOS DUMONT

Gloria ao homem ! Arbitro supremo,
a terra impera, rege o oceano;
sobre o universo, de um a outro extremo,
paira e fulgura o espirito humano.
Nas suas mãos, creador sublime,
vive a materia. Sopro fecundo
lhe communica. Fórmula lhe imprime.
Seu halito vivifica um mundo.

Mas quem dirá, que alta loquella humana,
genio, o teu nome ? e a febre que te devora,
mente profunda, o horrendo embate, a insana
lucta de cada dia, de cada hora,
de cada instante, ardua, insoffrida, accesa
sempre, implacavelmente renascida
contra o mal sempre, contra a natureza
sempre e a voracidade do elemento,
retemperada sempre de nova vida

multiplicada, quando na augusta fronte
meditativa a obra do pensamento
crepita como lava de cratera,
como clarão de incendio no horizonte,
misteriosamente reverbera
sobe aos pincaros inaccessibleis, arde
no firmamento, solitaria flamma,
e cede o corpo, gema a carcassa, e clama
misericordia a carne vil cobarde !

Duello atroz ! Inclito e soberano
na excelsa fronte luminoso ethereo
raio augusto do pensamento humano !
Ancia implacavel de profundos peitos,
arduos, insatisfeitos,
devorados de sonho e de mysterio !
Aspero orgulho ! Como a tamanha altura
no céo subiste, sopro da criatura,
no céo scintillas, sacro brazão da raça !

O espirito liberto, desprendido
do fardo ignobil da carcassa,
na majestade da pura idéa erguido,
fremento e rubro como candente lava
ardentissima e purpurina, forte
de accesa fé, vencendo a carne ignava,
desafiando a morte
que em torno espreita, livida, da penumbra ;

uma vontade feita de audacia, feita
de ardor e fé, livre, a Deus só sujeita,
uma virtude alta potente e santa
que ao céo se exalça, no céo resplende e canta,
toda outra gloria, toda grandeza obumbla
— tal foi teu filho. Ergue o semblante afflito,
patria ditosa ! Nunca do teu regaço
condor sublime, ávido de infinito,
mais alto vôo desprendeu no espaço.

O fel provou de acerbo soffrimento
com sublime candura de criança,
o erro, a incerteza, o desmoronamento
supremo, a dôr suprema, a suprema esperança,
calmo enfrentando, soberbo athleta, o mundo,
que elle reduz á orbita do seu compasso,
que mede e sonda o seu olhar profundo,
só com o seu sonho considerando o espaço,
só com o seu bello sonho de visionario,
sereno e solitario.
quando lá fóra, vasta, offegante, enorme,
jaz a cidade monstro adormecida.

Mas o espirito delle é que não dorme.
Não tem descanso. Não lhe dá guarida
a fé que o exalta. Vive do seu tormento.
Nega-lhe aroma a flor, balsamo a aurora,
nega-lhe a noite paz e esquecimento.
E o pão que o nutre é a febre que o devora.

Mas uma força estranha
mais temerosa e rapida que o vento
as torrentes e os rios da montanha
move-lhe o braço, guia-lhe o pensamento;
uma força ignorada, uma virtude
prodigiosa subitamente accesa,
uma estupenda asperrima pujança
innominada, livre selvagem rude
e formidavel como a natureza
mesma que o fez á sua semelhança.

E quando amanheceu o grande dia,
quando no alto horizonte
que de mil flamas reverberando ardia,
sobre as excelsas casas,
as torres da cidade
maravilhosa, o verde mar e o monte,
o seu sonho alteroso abriu as azas,
subiu, circumscreveu na immensidade
a derrota magnifica: a materia
vil, arrancada ao bruto sonno; o blóco
pesado e opaco, feito substancia etherea
e radiosa, tornado luz no fóco
do pensamento, feito criatura
livre, operante e viva,
a força bruta feita razão pura,
força pensante, feita vontade activa;
librada a terra, nas azas do pensamento,

retraçando no espaço a trajectoria
do genio humano, foi um deslumbramento !
e gloria gloria gloria
gloria ! repercutiu pelo infinito
e homem não houve, não houve um ser na vida
que reprimisse o grito
de immenso orgulho, vendo tão alto erguida
a pujança do engenho e a soberana
funcção da especie dignificar-se tanto !

Verbo não ha, não ha na lingua humana
palavra digna de tão alto canto.

Mas a sublimidade
daquella hora, o grito alli partido,
arrancado de toda a humanidade,
pelo universo inteiro repetido,
immenso côro de aspirações, obscuro
presentimento, vasto clamor de gloria,
tumultuoso cantico do futuro,
innumeravel cantico de victoria,
da victoria latina
pela invencivel força do pensamento,
pelo trabalho e pela paz divina,
patria ! encha os écos do teu firmamento,
repercuta no espaço
com formidavel impeto de aurora,
o peito accenda, a mente inflamme e o braço

da mocidade, cante a canção sonora
da vida, intensa, multipla, multiforme,
em cada peito cante,
em cada arteria vibrante triumphante
e em torrentes de lava se transforme !

A F. S. M. R.

Deixal-a ir á vida, ao mysterio, á esperança,
ó minha amiga, ó minha irmã,
deixal-a ir, a tenra avezinha ! Criança,
tu serás o homem de amanhã.

Amanhã, radiosso e bello adolescente,
ébrio de azul e de chimera,
ás blandicias de mãe amada, impaciente
furtarás a fronte severa.

Com fragor soarão os teus passos no mundo;
com brava audacia juvenil,
com fremencias no olhar luminoso e profundo
e um nome nos labios — Brasil ! —

saltarás, petulante e divino, na arena;
combaterás joven athleta,
pela palavra, pela espada, pela penna,
orador, soldado, poeta.

Serás o campeão immaculado e forte,
sem tibiaeza e sem temor;
serás, do sólio augusto e divino da morte,
a irradiação do nosso amor;

a divina offerenda aos seculos vindouros
da nossa exangue exticta raça,
renascida viril nos teus cabellos louros,
no teu riso e na tua graça.

Serás a aurora, tu que és mysterio e futuro
e invencivel amor; serás,
Carlos, o nosso heróe. Eu, do sepulcro obscuro,
direi: Bravo ! assim, meu rapaz !

RIO BRANCO

Uma aurora raiou no teu berço, criança.
Corria pela patria um fremito inaudito;
a aguia ensaiava o vôo immenso no infinito
e era em torno um clamor de jubilo e esperança.

Filho, este nome aprende; é a nossa grande herança;
como um sacro penhor guarda-o no peito escripto.
Elle amou e serviu este solo bemdito
da patria, de quem foi muralha e segurança.

Desdenhoso de um vão renome transitorio,
do direito e da paz fez-se arauto na liça.
E o destino, que o poz de guarda ao territorio,

marcou de eternidade a fronte augusta e calma
onde foi triumphante a serena justiça
e a victoria civil entrelaçou a palma !

NUM TEMPLO CATHOLICO

Cedo, ó pallido nazareno,
triste Jesus, doce mestre iracundo
— era eu então menino,
debil e pequenino,
sem culpa e sem veneno
ignorante do mundo,
da sua hypocrisia,
das delicias do céo, do horror do inferno;
placido adormecia
no regaço materno —
mãos adoraveis minhas mãos juntaram;
com branda voz grave e sonora
labios amados me ensinaram
a palavra que adora.
Meu ser sorria, luminoso e branco,
á tua dôr, Christo crucificado,
á cruz prégado,
da cruz pendente,
com o cravo, o espinho, macerado o flanco,

e de culpa innocent
alegrava-me como o cordeirinho
que se alegra da relva do caminho.

Hoje, homem feito,
hoje que o soffrimento
um novo amor me refloriu no peito,
humano amor, que é flamma e nutrimento;
hoje que a nacarada
luz que allumia os mundos e os espaços
no meu tugurio doura
um berço azul e uma cabeça loura
e uma alvorada acorda outra alvorada
palpitante e chorosa nos meus braços;
que eu amo e soffro, e a fina hervada setta
me traspassou do puro amor primeiro
por que eu vivo, homem sou e sou poeta
e amo, e a belleza, a primavera, o mundo
todo, o universo inteiro,
e a terra e os céus no mesmo amor confundo,

immensa piedade
o coração me aperta,
vendo esta humanidade
que abeberaste no delirio
da tua febre, nas ancias do teu martyrio,
vaga, anhelante, exangue,
desolada e deserta

a terra que regaste com teu sangue
inutilmente.

Porque tu, rabbino,
leda em teus labios volitava a abelha
de Gethsemani, accesa era o teu verbo
rutilante ardentissima scentelha,
dardo acerado, rubro e purpurino;
mas duro, iniquo, acerbo
sopro exhalava, hausto de morte crua,
candente glacial arido alento
que traspassava como espada núa,
como veneno os corações gelava,
o sorriso petrificava, ardia
e consumia como accesa lava
e em treva transmudava a luz do dia.

Sorria em torno a terra adolescente
á criatura, placida, innocent;

e nos atalhos, pelos caminhos
claros, passavam os cordeirinhos,
caminhavam na pompa da alvorada.
E além, no azul, anunciando o dia,
toda a montanha ardia,
gloriosa, transfigurada.
A teus pés desabrochava a rosa
de Jericó; fendia o debil calix,
vaporava da tunica odorosa

um halito divino
que perfumava o monte, o rio, os valles
e trescalava no ether crystallino.

A terra, então, toda era fresca e bella
e nupcial, e em seu primeiro brilho
sorria, como candida donzella
ao vago amor, sorria ao duro filho,
serenamente á sua alma iracunda,
benignamente á sua doce insania.

Profundo e azul era o céo da Bethania
naquella estancia ineffavel; profunda,
vasta, infinita, uma melodia
suavissima, um côro immenso e ardente,
enchia os silencios sagrados,
vibrava na gloria do dia,
corria dos montes aos prados,
voava dos prados á serra,
immenso jubiloso fremente
de todas as vozes da terra.

Tu caminhavas, taciturno, alheio,
pallido da miseria consentida,
para a cruz negrejante no horizonte.
Em vão te acalentava a doce vida,
a doce terra te apertava ao seio,
de fresco orvalho te aspergia a fronte;

em vão, sisudo mestre,
de sol banhava a tua face austera
e te solicitava a primavera
com toda a vehemencia terrestre.

Tu da terra não eras, nazareno.

Não fugitiva, não mortal belleza
prendeu teus olhos.

Não delicioso magico veneno
respiraste na luz da natureza.

Máu semeador, semaste urzes e abrolhos.

Mas uma immensa aurora
desponta; um sorriso infinito
illumina a terra sonora;
freme uma innominada corda,
um novo calix trasborda,
resôa uma nova harmonia;
e um verbo estranho, inaudito,
formidavel e augusto, annuncia
uma nova humanidade, ardente,
bella, implacavel, luminosa e casta
e varonil, galharda e resoluta,
ardua, subtil, prudente
e temeraria, prompta para a lucta,
prompta para as terriveis aventuras
dos abyssos, dos cimos, das alturas,

sublime e iconoclasta,
e nas ruinas tragicas dos velhos
templos prégando os novos Evangelhos.

Do palpitante seio entreaberto
rórido tumido lactescente
da terra tornada destino,
reconquistada, livre, inocente,
o homem, titão liberto,
reergue a fronte insubmissa.
O infinito, ó rabbino,
é o seu imperio; ardimento é o seu nome,
e a liberdade é a sua fome
e a sua sêde é a justiça !

SONHO DE UMA NOITE DE OUTOMNO

Hontem, no bosque,
á luz da lua,
eu vi Diana,
a caçadora,
guerreira e bella,
e núa.

Como neve ardia
na sombra augusta a carne immorredoura;
como claro dia
scintillavam os braços brancos
funestíssimos ávidos da presa,
o niveo cóllo, os flancos
não tocados, virgens de impureza.

E o meu peito mortal, como oceano
proceloso bramiu convulso;
vergou do peso sobrehumano;
nas veias do meu pulso

a febre accelerou a torrente
da vida, a vida foi voragem,
foi lava o sangue, ardeu divinamente.

E o meu orgulho solitario,
imperial e solitario
como leão indomito selvagem,
rojou-se alli subitamente
escravo, supplice e fremente,
naquella hora sumptuosa, accesa
de pompa de aurora e victoria,
em que a Belleza
feita Carne, a Carne feita Gloria,
magnifica ascendeu ao fastigio
e um deus presente era na altura
e a terra esperava o prodigo
e o mundo parecia estreito
ao delirio da criatura.
E eu disse, ouvindo no profundo
vortice do proceloso peito
gemerem as raizes da vida
e um élo desprender-se e um mundo
esphacelar-se e uma voz nunca ouvida
cantar uma nova harmonia,
vibrar uma inaudita corda;
disse: Eis emfim trasborda
a taça cheia ! O sorvo de ambrosia
bcbe, aos teus labios reservado, á ardencia

da tua febre, á louca impaciencia
da tua mocidade erma, ignorada,
de intima flamma accesa devorada,
alma insoffrida !

Disse: Lume de amor, Belleza !

Fóco incendido de esplendor sidereo,
pudica e núa como a natureza
que te criou feita do seu mysterio,
do mysterio das suas aguas, fontes
múrmuras, infinitos horizontes,
feita das suas lagrimas choradas,
do ouro dos seus poentes indecisos
e da flamma das suas alvoradas,
feita da sua luz, feita dos seus sorrisos
innumeraveis, feita dos seus sabores
indefiniveis, da diversidade
dos perfumes, das fórmas e das cōres,
ó divindade !

Não vil inercia o meu braço
mirrou, crestou na minha fronte
a gloria do sonho, onde eu passo
desdenhoso e grave no horizonte
immenso, da turba distante,
com os meus claros olhos de innocencia,
com o meu riso em flor de primavera,
com o meu vasto peito palpitante.
Mas o arduo labor da existencia,

a sede do Bem, a severa
disciplina do estudo, meus mestres,
meus guias foram, a alpestres
ermos, cimos alcandorados,
meus passos levaram criança,
austeros regeram meus fados,
o adolescente embalaram,
de nova flamma o abrasaram,
nutriram de nova esperança.

Ideal! Como um diadema
igneo, cingiste a realeza
do meu sonho, a minha tristeza
vestiste de pompa suprema.

Verdade, liberdade, justica,
meus gladios fostes na liça.

O' coisas vãs ! ó chimera !

Só tu, Belleza, a promessa
cumpriste que a fronte do infante
ainda do sol da primavera
dourada — hoje pallida, oppressa, —
illuminou de sonho altivo
e de alegria triumphante,
quando eu, travesso louro rapazola
imbelle, mas já pensativo,

já curioso, já vâmente afflito,
do triste carcere da escola
impregnada de miasmas deleterios,
ávido de infinito,
para além do horizonte
fantasmas divisava e mysterios,
e mudo, tremulo, immoto,
bater-me sentia na fronte
sussurrando a aza do ignoto.

Tu sorriste ao adolescente,
á joven petulante audacia
nos claros olhos atrevida,
quando com garbo impaciente,
dos bosques de amaranto e acacia,
ébrio, avançava para a vida,
como o guerreiro para a liça,
como o tenro leão para a presa,
como o amante para a belleza,
fremento de goso e cubiça.

E lhe semeaste no peito
o murmurio de infinitos cantos
por que eu sigo, aédo, na aurora,
só, com a minha boca sonora,
só, com o meu sonho insatisfeito,
livre e só, nos cimos sacrosantos.

O' deusa ! infinita miseria,
jugo infame, prostra rastejante
aos pés de uma cruz vacillante,
o homem vil, raça iniqua e cimmeria
alterada de sangue e rapina,
na doce terra materna
já berço de heróes, já divina
do immenso clamor da victoria,
do sorriso da belleza eterna.

E a terra putrida é ingloria
onde o homem faz o seu monturo.
E o teu servo tomba vencido
e só, como um leão moribundo;
e grato lhe fôra, esquecido,
no seio do Hades escuro
dormir o sonno profundo
que os caros olhos cerra
e dá socego ao coração cançado
de palpitar na terra
ermo e desparelhado.

EPITHALAMIO FUNEBRE

I

Deuses! a vida é bella; a arvore é rica; a fructa
saborosa, purpurea, agreste e perfumada,
que o meu gesto voraz alcança na ramada;
e longamente aspiro a tenra polpa enxuta.

Doce é o mel prelibado e a paz que se disfruta
ao sol que amadurece a uva embalsamada.
Deuses, terrificante é a Parca desalmada;
dos meus labios em flor arredai a cicuta !

Não ! Venha a morte; incline esta fronte sonora
quando ainda o sol sorri, quando ainda brilha a aurora,
deuses! e o fructo e a flor pendem na verde rama.

Possa eu votar-te, ó fria e casta e taciturna,
uma fronte viril e um coração de flamma
que debaixo da terra ainda abrase na urna.

II

Vida, como te amei ! Sim, eu fui vosso eleito,
deuses ! Nas minhas mãos palpitaram captivas,
sófregas, sussurrando, as horas fugitivas.
O universo abarquei, que parecia estreito !

Quem com mais louco ardor se nutriu do teu peito,
ébrio nas mãos premendo as faces convulsivas
e se desalterou nas tuas fontes vivas ?
Terra ! Eu sim, fui teu filho, ávido, insatisfeito !

Verde mar ! céu azul ! varzea immensa e tranquilla !
O' mãe que me apertaste em teus braços tenazes
de que flamma immortal animaste esta argilla !

De que acerba suave e divina ambrosia
ungiste, ó sacrosanta, estes labios vorazes
que o desejo não cança e que o amor não sacia !

ESTANCIAS

I

O portico fatal do teu sinistro imperio
um dia, amor, entrei, pallido adolescente
ávido respirando o fructo lactescente
dos teus fulvos vergeis de volupia e mysterio.

Sombreava-me um leve tenue buço o mento
pueril, mas soberba andava a joven fronte
já de ethereas visões povoando o horizonte
e á musica do espaço o tenro ouvido attento.

De que gelida cinza a celeste ambrosia
empeçonhas, Amor, funesto Amor tiranno,
que derramas, cruel, no coração humano !
E ris, lançando ao vento a amphora vasia.

Ah, si a offerenda é vã das tuas mãos divinas,
Amor! si dissimula um cancro horripilante
a face ardente e grave e o celeste semblante
que descobres a meio e para nós inclinas,

arreda, monstro, arreda os teus filtros do inferno,
o calice desvia, o travo acerbo e lento,
o amargo desengano, o morno desalento,
ou mata-nos, Amor, num beijo breve e eterno !

II

O passado cruel e o presente inimigo,
um de cinzas coberto, o outro resplandecente,
dois cadaveres são que eu carrego commigo.
Mas que importa o passado e que importa o presente !

Para além do horizonte e da esphera sonora,
dos limbos do futuro invencivel surgido,
vasto e immenso clamor, repercute na aurora,
berços! o vosso mysterioso vagido.

ENSAIOS METRICOS

I

Laura sorri-se. Os frescos labios de humida fragrancia
roseos, chilreiam. Papagueiar da infancia,

graças, innocencia! O' primavera casta e perfumada!
E' o mesmo riso da criatura amada,

fino e cruel, que um tenue aviva fugitivo breve
sulco de sangue, bocca de rosa e neve.

Os olhos são, que as graças armam de fatal encanto,
queridos olhos que me enganaram tanto.

Céus ! E esta voz ! Velada e doce, que ainda mal gorgeia,
é o mesmo canto (perfido !) da sereia.

II

Amor, Amor, accorda! Já nasce o sol no horizonte,
doura as collinas, inunda o mar e o monte.

Languida esposa mal erguida da convalescença,
renasce a terra sob a caricia immensa,

callida, nupcial: dos seus beijos devoradores,
fructos rebentam e desabrocham flores

Mas do teu beijo, Amor, mais que rosas na primavera,
fructos no outomno, que arde e que desaltera

o coração sequioso, que abrasa e que delícia,
nasce a divina fonte da poesia,

o verso ardente, a estrophe alada da canção eterna
que os homens prende, que os corações governa

das brutas feras, e as brutas feras á peregrina
prodigiosa lyra de Orpheu inclina.

III

Céus do occaso. Sussurros do arvoredo. Melancolia
do entardecer, no campo, quando declina o dia

e cresce a sombra — oscilla: na leve diaphana teia
colhem-se o monte e o valle. Pousa inclinada a aldeia —

e por montes e valles, além pelas verdes savanas
ermas, sobre as cançadas habitações humanas,

na gleba, no eirado, no aprisco, sobre o placido armento,
desce um religioso vasto apaziguamento,

como um filtro ineffavel de infinita misericordia.
Sinos do campanario ! Alleluia ! Concordia !

Bondade, amor, justiça, é o vosso annuncio na terra ?
Mas tu que nova flamma, mas tu que nova guerra,

que não provadas ancias, que ardor nunca assaz satisfeito,
amanhã, bella aurora, me accenderás no peito ?

De que rosea miragem, absurda, dourada chimera,
embalarás a fronte que te interroga e espera ?

O

O ULTIMO CANTO DO FAUNO

Alli, no
bisonho
junto de
perto de
num trou
um faun

As nym
quando,
morrend
assoma o
de curvo
o pello h
a lyra a
semelhar

Pelo cam

O ULTIMO CANTO DO FAUNO

Alli, no matto,
bisonho ermita,
junto de um regato,
perto de uma vinha,
num tronco adusto
um fauno habita.

As nymphas, em redor, estremecem de susto
quando á tardinha
morrendo o sol, na ourela da floresta
assoma o bruto,
de curvos chifres guarnecida a testa,
o pello hirsuto,
a lyra a tiracóllo,
semelhante no andar ao grande deus Apollo.

Pelo campo, a correr, qual mais celere escapa.

Os outros faunos zombam á socapa,
de inveja e de despeito.
Elle caminha, indiferente,
grave e sobrehumano,
como quem traz no peito
uma torrente
e onde se confundir busque o oceano.
Não vê, não pára;
não volta a frente
para a turba ignara
que em furor delira;
mas longamente
nas mãos comprime
a grande lyra
alta e sublime.
E um sorriso distante,
de indizivel tristeza
e de melancolia, transfigura
o rugoso semblante,
a monstruosa catadura
do deus caprino, que irradia
subitamente de belleza
nova, e divina como a luz do dia.

Redobra a vaia, ao longe, o estardalhaço,
grita, chufas, motejos á porfia.
Elle, em silencio, apressa o passo,
pela matta enfia,

some-se na brenha,
não torvo, não irado, alto e direito
como quem leva um deus dentro do peito,
como quem desdenha.

Assim o vi, sublime, erecto o porte,
hontem passar no meu caminho;
lampejava-lhe a fronte immensa.
E eu que homem sou fraco e mesquinho,
cheio de imperfeições, votado á morte
breve, invejei aquella
alta superior indifferença
que é o bem supremo e o homem ao deus nivela.

Passou por mim sem ver-me, que o seguia
pé ante pé, fremente
de ignoto anceio, ávido do mysterio;
passou rapidamente,
com leve passo aéreo,
desdenhoso e divino todavia.

Mas onde mais se adensa
o verde bosque, e a medo
murmura a fonte e o vento mal respira,
tragico sob a immensa
cúpula do arvoredo,
nas mãos tomando a lyra,
dos sonorosos labios a torrente
derramando da dôr convulsamente,

com palavras de flamma e de ambrosia
assim falou aos deuses, e dizia:

Vede, indignos rivaes insultam o meu canto;
escarnecem de mim as nymphas côr de aurora.
Vil objecto serei de motejo, ou de espanto ?

Que me destes a voz para cantar sonora
e esta furia de amor neste carcere estreito,
si ouvidos me negais que me entendam agora ?

Um peito que responda aos estios do meu peito,
deuses, um coração que reconheça o grito
deste meu, precellosa, absurdo, insatisfeito ?

Quem me vê? quem me quer? quem me acóde? O' maldito !
Quem abranda este ardor? quem apaga esta flamma?
quem commigo divide as ancias do proscripto?

Canta o passaro: a quem? Zumbe o insecto na rama:
logo acóde outro canto e logo outro zumbido;
toda a immensa floresta ecôa. O cervo brama:

lá do fundo do valle responde um gemido
longo, ardente, cruel, desesperado, insano.
Cada canto acha um éco e cada voz ouvido.

Canta a estrella no céu e na terra o oceano;
o vento canta ao mar, o mar canta ao rochedo,
mas só o fauno em vão busca um ouvido humano

onde clame o seu sonho e ruja o seu segredo.

Estacou, respirou como quem cobra alento;
depois bradou na noite infinita e no vento:

Grandes deuses, crueis ! Antes me houvereis dado
tanger ou frauta agreste ou pastoril avena
em ditoso remanso, alegre e descuidado,

livre, de amor cantando óra o gosto óra a pena,
das nymphas celebrando os *olhos de saphira*,
os *labios de coral*, as *faces de açucena*,

que esta immensa, profunda, incontentada lyra
onde eterna soluça a dôr do desalento
e a voz do meu amor como tufão respira.

Não zombára de mim a nescia turba. Attento,
meus suspiros, meus ais, minhas loucas endeixas,
das nymphas escutára o louro e nédio armento.

E a mais bella talvez, ébria das minhas queixas,
rola afflictta arrulhando ao calor da caricia,
nos meus chifres reaes enleára as madeixas,

e amazona cruel, bella de impudicia,
núa, á gula do fauno offertára a divina
pompa excelsa da carne inviolada... O' delicia !

ó volupia, ó mysterio ! esplendor que allucina !
Polpa rósea e subtil, carne indomada e féra !
Gleuconóe, bella Aglaia, Ariana, Ericina,

desce a noite, resplende o céu da primavera...
Qual de vós, qual de vós dormirá no meu seio ?
Doce Lalage, tu ? Tu, formosa Neera ?

Circe, Enóne, Egle, Nais ! Vinde ! Que haveis receio ?
Bellas, não vos fieis da apparencia, que illude
a mais bella. Hesitais ? Bruto sou, tosco e feio ?

Tontas ! Certo, não sou nenhum Adonis. Rude
tenho o aspecto, hirto o pello, altos e retorcidos
chifres, mas este sangue arde de juventude

immortal ! Artes sei de encantar os sentidos
e o desejo accender, nymphas, na mais esquiva ;
outros tenho, outros sei segredos escondidos...

Nymphas ! da pedra dura irrompe a fonte viva,
clara, manancial, de agua que desaltera :
dos meus labios assim a canção se deriva.

Vinde ouvir ! Circe, Enóne, Ariana, Neera !
rubra, a rosa do amor abre o calice cheio;
desce a noite, resplende o céu da primavera...

Qual de vós, qual de vós dormirá no meu seio?

Quedou-se, como quem espera e teme, á escuta;
depois, alto, bradou, erguendo a fronte hirsuta:

Céus immensos, ouvi ! Vós, testemunha sêde,
astros ! Não tem o fauno onde pousar a fronte,
onde matar a fome, onde estancar a sêde.

Do nascente ao poente e da planicie ao monte,
por toda parte, em tudo, a todos os momentos,
serei só, solitario e triste no horizonte.

Só comvosco, tufões, só comvosco, elementos,
com o vosso louco arfar, vosso aspirar insano,
vosso nunca alcançar, aguas, voragens, ventos.

Meu ser abysmarei no vosso immenso arcano,
confundirei comvosco o implacavel rugido
desde peito que em vão bate de amor humano.

Céus, pavilhão do Azul ! Terra, vergel florido !
Harmonias do espaço errantes e suaves,
vasta fecundação e profundo vagido;

voz do insecto, da flôr, dos passaros, das aves;
voz das coisas gemendo occulta no arvoredo,
vozes da criação, soffredoras e graves,

que passais soluçando ou murmurando a medo,
que humano ouvido entende o vosso chôro afflito ?
quem vos sonda o mysterio, adivinha o segredo?

Quem os prantos recolhe esparsos no infinito ?
quem vê na terra adusta o sangue que poreja,
a lagrima que fende a crosta do granito ?

Vossa luta sem fim, vossa eterna peleja,
ventos, mares e céus, quem a entende, elementos?
Não pergunta de vós o homem vil, que rasteja.

Que importa ! Ides cantando, aguas, arvores, ventos;
ides brilhando, sóes, lampadario divino;
ardendo, corações loucos e violentos,
e palpitando em vão como é vosso destino...

Nisto,
viu-se um caso deveras imprevisto:
nos galhos trepados,
nos troncos escondidos,
de pé, de bruços, acocorados,
aos dez, aos vinte, aos centos,

da redondeza em chusmas attrahidos,
faunos e satyros, attentos,
maravilhados,
embevecidos,
fascinados dos magicos accentos
da grande Lyra
que o Deus inspira.

Um, mais afoito, ousou chegar-lhe o dedo.

Rapido, o cytharedo
voltou-se, e zás ! com prompto movimento
e sonora risada prazenteira
que sacudiu os troncos da floresta,
a lyra erguida lhe vibrou certeira
na curta, obtusa, bicornuda testa,
que o divino instrumento,
feito em pedaços, vôa pelos ares,
espalhando uns queixumes exquisitos
e umas sonoridades singulares...

Depois, immensa, atroz e chocarreira,
uma praga. Um gemido; pinchos, gritos,
e o entrechocar dos cascos na carreira.

CANTO DE MAIO

— Terra !

Salve, Brasil !

Como sereias,
alvas, scintillam as tuas plagas,
ao canto rithmico das vagas
espreguiçando-se nas areias.

E os que te buscam, através dos mares,
e de perigos e aventuras,
e de infortunios e de azares,
miseras criaturas,
cançados, rotos peregrinos,
bandos errantes, rechassados
peia avalanche dos destinos,
innocentes e desgraçados;
hordas estranhas, semi-núas,
exangues, que a fome atropela,
— sinistra ululante cadella, —
dos burgos infectos, das ruas

esconsas, das viellas opacas
do Iupanar, das cloacas
do crime, fundo sorvedouro,
até ás praias do oceano
rutilantes de esmeralda e ouro;
vil rebanho de gado humano
que a miseria amontoa,
piloto esqualido, á prôa
dos transatlanticos immundos
da purulencia e da escoria dos mundos;

ao divisarem no horizonte
os teus altos serros defronte,
e a linha azul dos teus palmares,
como um sonho, á beira dos mares,
cuidam vêr o éden
promettido aos seus verdes annos,
á febre da sua cubica,
aos que a vida opprime, aos que pedem
justiça, justiça, justiça,
aos céus! contra irmãos e tirannos.

E te amam com extremos de amante,
e, para fecundar-te o seio
próvido, augusto e radiante
(ai, brunido de suor alheio !)
dão-te o seu corpo altivo e branco,
dão-te o seu riso aberto e franco,

suas ancias, suas fadigas,
suas dôres novas e antigas,
o bronze do seu braço forte,
e os seus duros ossos na morte.

Tão formosa appareces,
patria desejadissima distante,
invocada com supplicas e preces !

Mas no teu seio amante,
mãe generosa e brava,
miseros filhos crias,
turbida gente escrava,
submissa, indiferente
á obra eterna dos dias,
morna, esteril, vencida,
immovel na torrente
titanica da vida.

Ah, quando um véo funereo
cobre o teu sólo abandonado
morno e vasio como um cemiterio,
de homens não, mas de espectros povoado,

eu, teu poeta, que a dôr quebranta,
eu, teu poeta, mãe sacrosanta,
que os tenros labios do adolescente
ungiste de eterna ambrosia

e infinita no peito a torrente
lhe derramaste da poesia,
o sopro candente inflammado
do verso que sóbe altaneiro
ao jugo indocil e ao compasso,
livre como corcel indomado
desdenhoso do cavalleiro,
e alto vôa e libra-se no espaço;

eu, teu poeta, de ti nascido,
do teu regaço resplandecente,
como tu negado, desconhecido,
— grave e triste, em face do presente
surdo, aos revoltos ventos canto, ao duro
seio da pedra, á rocha adamantina,
o canto formidavel do futuro
aos berços canto, gloria, gloria, gloria !
No teu céu brasileiro, aguia latina,
avante ! O teu nome é Victoria.

Quem pôde o surto sublime
conter-te? Em vão tentam mil braços
varar-te, negregado crime !
(Tu sangras, magnanimo flanco
materno?) Ah, num ultimo arranco,
precipita-te nos espaços.

Livre ascende. Sulca os teus caminhos
de sol e aurora ! Na amplidão etherea,

sobre os homens mesquinhos,
sobre o infortunio, sobre a miseria
dos dias lentos, o opprobrio e o crime,
paira invencivel, aguia sublime,
annunciadora dos tempos novos,
que um dia farás com o teu grito
fremento através do infinito
na terra erguerem-se os povos,
movidos não já de cubiça,
não de instincto vil carniceiro,
mas da força estrenua da justiça,
mas de amor fraterno verdadeiro;

para a messe augusta promettida,
para a festa immensa do futuro,
para a lauta ceia de abundancia,
em que se ha de repartir na vida,
e com peso igual, não o duro
pão com lagrimas amassado
do afflichto, da viuvez, da infancia,
pão do exilio, pão amaldiçoado
pelas queixas, pelos gemidos
de humildes, fracos e opprimidos,
mas o pão do amor, da alegria,
da paz, emfim servido á fome
de quantos soffrem em teu nome,
justiça, e esperam o teu dia.

Aguça
A garra
Mais, p
uma que

Não foi
minha n
patrona
Não me
serva, ca
o seu cat
Não me i
do seu tu
com pied
bebendo

E homem
de amor i
quem te c

PROMETHEU

A João Ribeiro

Aguça o bico, passaro maldito !
A garra estende, aferra !
Mais, punge mais ! Não me ouvirás um grito,
uma queixa, uma supplica, um gemido.

Não foi a dôr, na terra,
minha nutriz? ancilla do innocent,
patrona do opprimido?
Não me embalou nos braços, paciente
serva, cantando o seu profundo canto,
o seu canto magnifico e sombrio ?
Não me nutriu do leite de amargura
do seu turgido seio sacrosanto,
com piedosa avidez na noite escura
bebendo minhas lagrimas a fio?

E homem feito, de humano amor sedento,
de amor faminto, ávido de justiça,
quem te deu, fome acerba, nutrimento?

Quem te desalterou, alma insubmissa?
Quem reprimiu teu grito,
peito implacavel?
quem consolou o afflito,
o inconsolavel?
Quem lhe alisou a esteira?
quem lhe velou o sonno,
algida companheira,
firme e constante mesmo neste abandono?

Não foste tu, serena,
grave, inclinada e compassiva,
dôr — do nefando crime,
da dura iniqua pena
testemunha sublime —
que o largo peito irado,
roto, miserrimo, ulcerado,
sangrando, aberto em chaga viva,
castigado de tanta
colera e desventura,
cingiste, ó sacrosanta,
desta ferrea triplice armadura
de audacia, de desdem, de immensa,
muda e tranquilla indifferença,
que os homens e os infernos
escarnece á porfia,
deuses, e desafia
mesmo os deuses eternos?

Arvor
meu d
ávido
de onc

— Cho
do seu
joia da
Meu pa

(santo
a que a
Batia-n
longe, :

grave, r
Vinhamb
um sopi
como ve

A UM CEDRO DO LIBANO

Arvore hospitaleira a cuja sombra outr'ora
meu debil passo incauto ensaiei, tenro infante
ávido de infinito, alterado de aurora;
de onde partiu meu vôo triumphante;

— Chorava minha mae, do seu principe ufana,
do seu flórido outomno esperança e alegria,
joia daquelle amor que outro amor não profana.
Meu pae, absorto, placido sorria,

(santo ! a que enganadora esplendida miragem ?
a que acceso clarão nos meus olhos errante?)
Batia-me com força o coração selvagem;
longe, a esphynge attrahia-me, distante,

grave, mysteriosa, immovel, no horizonte...
Vinhama mar, silvando, as auras matutinas,
um sopro vegetal bafejava-me a fronte,
como velas afflava-me as narinas.

E o mar, o immenso mar cheio de estranhas floras,
todo o infinito mar corria-me nas veias,
com seus golfos de azul, suas praias sonoras,
povoadas de nymphas e sereias...

Que delirio arrastou meu passo vagabundo
por entre as turbas vis, rastejantes, escravas?
Tu, no humilde torrão onde nasces no mundo,
cedro feliz, fundas raizes cravas.

Do árido chão natal tiras o teu sustento,
á doce terra ingrata unes o teu destino,
calcinado do sol, flagellado do vento;
mesmo insultado do homem assassino.

Entretanto, ai de nós ! arvore hospitaleira,
o que faz o homem vil, tortuoso e mesquinho,
cedro augusto, não vale esta sombra ligeira
que derramas á beira do caminho.

E's tu n
rondand
Entra. I
do nossos

Entra. I
onde nã
pressurc
Entra. E

Amanhã
grave e
ao teu p
de tanto

Não junt
não lanç
em vão o
Seguirem

OUTOMNO

E's tu mesmo. Adivinho os teus passos, outomno,
rondando no vergel, na granja e na deveza.

Entra. Benvindo, irmão ! Como é igual a tristeza
do nosso desalento e do nosso abandono !

Entra. Para acolher-te abrirei o postigo
onde não tarda muito a vir bater o inverno
pressuroso e sorrindo ao teu gesto fraterno.
Entra. Espera. Amanhã caminharei contigo.

Amanhã, taciturno e morno peregrino,
grave e dizendo adeus ás coisas do passado,
ao teu passo unirei o meu passo cançado
de tanto errar sem fé na terra sem destino.

Não juntarei as mãos; não voltarei o rosto;
não lançarei siquer á estrada percorrida
em vão o derradeiro olhar de despedida.
Seguiremos na luz obliqua do sol-posto.

Verei no duro chão rolar a folha breve;
de amarello tingir-se a relva dos caminhos,
o vento emmudecer e dispersar os ninhos,
dizendo: Amor, belleza, assim o vento os leve.

Assim colha e disperse o vento do abandono
as cinzas deste amor em que abrasei meu peito,
este amor esvahido, este sonho desfeito
como uma rosa vã desfolhada no outomno.

Este i
que m
achare
a pied

Saudo
sublin
do teu
record

Chora
o mar
colher
o amb

Mas n
da pal
nem o
ôca e

ESTANCIAS

Este injusto rigor abrandarás um dia
que me afflige e tortura;
acharei no teu peito a justiça tardia,
a piedade, a ternura.

Saudosa evocarás aquelle amor antigo,
sublime e despresado;
do teu longo desdem soffrerás o castigo,
recordando o passado.

Chorando, escrutarás o longinquo horizonte,
o mar franjado de ouro;
colherás, tecerás, para cingir-me a fronte,
o ambicionado louro.

Mas nem lagrimas vās, nem a pompa irrisoria
da palma ambicionada,
nem o teu beijo, amor, nem o teu fumo, gloria,
ôca e vasia, nada

nunca mais poderá reanimar aquella
alta flamma atrevida
que ardeu e consumiu a metade mais bella
dos meus annos de vida.

Nada fará bater meu coração diverso,
nem os risos fagueiros,
a frescura de um beijo, a doçura de um verso,
á sombra dos salgueiros.

Tremerão de remorso os teus seios transidos,
sem que eu possa valer-te,
ingrata ! Dormirei o sonno dos vencidos
na dura terra, inerte.

UND ABER

E todavia um tenue e derradeiro fio
resiste. A prêsa
bem te ouve e entende, mãe, o surdo desafio.
O' natureza !
Tu me sorris do berço e me estendes os braços,
filho bemdito,
e uma aurora estupenda illumina os espaços,
enche o infinito.
Vejo, e creio sonhar. Na evidencia, aturdido,
cégo, tropeço.
Ergo-me; á terra emfim acho um novo sentido.
Tremulo, oppresso,
palpitante, no azul de um olhar adorado,
grave e profundo,
pela primeira vez, surpreso e extasiado,
contemplo o mundo.



ELEGIAS

Esta
rose
Não
Sem

Escu
de a;
Eil-a
Mas

Inter
busqu
Mas
e des

Mont
bem v
Como
e com

1

Esta concha nasceu, como Venus, da onda,
rosea, lactea, polida, intacta e sem defeito.
Não tinham tanto preço as gemmas de Golconda.
Semelha um coração acabado e perfeito.

Escuta e lhe ouvirás um borborinho estranho
de aguas batendo ao longe em cryptas de granito.
Eil-a, é tua! Uma flor a excedera em tamanho.
Mas dentro ruge o mar, infinito, infinito.

2

Interrogei o céu, as ondas, o arvoredo,
busquei nas fórmas vãs o enigma que tortura.
Mas o deus taciturno esconde o seu segredo
e desconhece a voz da sua criatura.

Montes, mares e sóes, infinitos espaços,
bem vos entendo a dor sublime e descomposta.
Como eu torceis as mãos, como eu abris os braços
e como eu perguntais o que não tem resposta.

Inutilmente o espirito procura.
 O pensamento é baixo, a forma escura.
 Cimos dourados ! fontes !
 O' claridade ! alturas ! horizontes !

Tu, natureza, sabes o segredo
 de crescer e subir como o arvoredo
 e, como agua corrente,
 ser limpido, profundo e transparente.

Já foi tempo que amei a luz da madrugada,
 o ardor do sol batendo o mar e as penedias.
 Hoje mais quero a noite immensa e socegada;
 no silencio e na sombra acabarei meus dias.

Vida absurda e cruel, teu calice rejeto !
 A noite me acompanha, á noite me confio.
 Que outro peito fraterno entendêra este peito,
 o seu desesperado e surdo desafio ?

A A. G.

Mestre Affonso, o poeta é o semeador. Semeia
longe e sem conta o grão na terra avara e rica.
Mestre, um deus abençôa o gesto da mão cheia
e milagrosamente o germen multiplica.

Chega o tempo da ceifa, a sazão das vindimas.
Brutos virão pilhar o meu rico thesouro,
meus lindos parreiraes, minhas messes opimas.
Mas o céu me reserva outra palma, outro louro !

A rajada ululando em noites tenebrosas
meu jardim devastou, verde e florido um dia.
Coração, que me quer esta rosa tardia?
Já não se entendem mais meu coração e as rosas.

Perdido tenho aquelle alto e soberbo entono
que enchia e dilatava as cordas do meu peito.
Já nada mais espero. Os bens da terra enjeito.
Meu coração desfeito amortalho no outomno.

A violeta de Parma, a tulipa de Hollanda,
nem o lyrio de França altivo e forasteiro,
não brilham como tu, no talo ou na guirlanda;
teu perfume não têm, rosa do meu canteiro.

Rosa esquiva e louçã, roseirinha sylvestre
desabrochada em flor aos pés do viandante,
doce lingua materna, alegria do mestre,
desespero do alumno e terror do pedante.

A A. T.

Nenhum som se compara ao da lingua materna
ouvida em terra alheia entre gente estrangeira.
A patria nos possue como uma onda eterna.
Todo outro amor humano é tenção passageira.

Mas o som que prefiro, o som que mais me agrada.
é nos pagos do sul o grito do pampeiro,
e o choro do violão nas noites de invernada,
ao lume do fogão, no rancho do tropeiro.

No mais
cadencia
No ranc
quando t

Os caval
a agua d
Meu cor
a bondad

Recordo,
(cavalgav
teu vulto
em nosso

Alvejava
Refreinand
um de nós
E a bella

No mais fundo de mim dorme uma melodia,
cadencia languorosa e toada plangente.
No rancho de um tropeiro ouvi cantal-a um dia
quando tornei a ver meu povo e minha gente.

Os cavallos á soga erravam na espessura,
a agua do chimarrão fervia na chaleira.
Meu coração contente aspirava a docura,
a bondade e o calor da patria hospitaleira.

Recordo, herce, recordo. Uma noite do pampa
(cavalgavamos junto ao rincão argentino)
teu vulto de gigante evocado da campa
em nossos corações pesou como o destino.

Alvejava na sombra o marco divisorio.
Refreiando o animal, meio erguido na sella,
um de nós gritou alto: Osorio, Osorio, Osorio !
E a bella morte alli nos pareceu mais bella !

Lola, não te envelhece o tempo nem a idade,
o outomno sazonou teus fructos soberanos.
Formosa Lola, em ti, belleza e mocidade
brilham divinamente a despeito dos annos.

O espelho que reflecte as graças do teu rosto
não te engana, cruel, quando te diz que és linda,
que recreias a vista e deleitas o gosto,
e que deves amar e que és amada ainda.

Que da sala ao jardim, rosa entre as rosas brilhas,
que em festas e saráus reinas bella entre as bellas,
e, si sais a passeio, ao pé de tuas filhas
pareces mais menina e mais formosa que ellas.

Margari
radiosa
antes qu
da minh

No leve
balouçad
tua vista
este ama

A fina a
Cada fol
Mysterio
Amor, pa

Margarida do valle, agreste margarida,
radiosa de graça e de simplicidade,
antes que lyrio e rosa és a flor preferida
da minha solidão e da minha saudade.

No leve caule erguida a pompa da corola,
balouçada ao capricho inconstante do vento,
tua vista recreia e teu nome consola
este amargo, secreto e divino tormento.

A fina aureola esfólho ao vento matutino.
Cada folha arrancada é presagio da sorte.
Mysterio! um tudo, um nada; uma flor, um destino.
Amor, paixão, frieza, o céu, o inferno, a morte !

Como podes andar e seguir teu caminho,
desdenhosa, soberba, altiva, indifferente,
que não ouças no pó, soerguido e fremente,
meu coração gemer e soluçar baixinho?

Como podes dormir teu sonno socegado,
de candura, innocencia e de graça vestida,
sem que uma voz te fale, ardente e commovida
uma voz, minha voz, um suspiro, um cuidado ?

Como podes sorrir, como podes ser bella,
si despresas o amor e lhe voltas o rosto
quando o vês á tardinha afflichto e descomposto
rondar com pé furtivo e espreitar com cautela

o divino, opportuno, ineffavel instante
de suprehender-te incauta e de afferrar-te núa
e de pousar a boca abrasada na tua
e suscitar um deus no vergel palpitante !

Tenho dentro de mim vossa imagem presente
 si estou junto de vós ou si de vós me aparto.
 Cada dia vos vejo a mesma e differente
 e cada dia emfim de vos vêr não me farto.

Cada dia descubro uma nova surpresa,
 um novo agrado em vós, um novo enleio ainda.
 Renasceis como o sol. Sois como a natureza,
 que todas as manhãs apparece mais linda.

Vosso corpo, Climene, é o paiz de chimera,
 de nectar e ambrosia,
 que percorre, enfunada e soberba, a galera
 da minha fantasia.

Sei o aroma que têm vossos lyrios e rosas,
 de quem sou servo e dono;
 a polpa que entumece as fructas saborosas
 do vosso rico outomno.

Sei o gosto que deixa a delicia que dura;
o declive, a collina,
onde uma fonte bróta em meio da verdura,
delgada, crespa e fina.

Sei a vinha, o seu mel, sei a rosa, o seu cális,
o bosque e os arvoredos.

Doce e amavel paiz ! já não têm vossos valles
para mim mais segredos.

Sei como é bom viver, preso do vosso encanto,
rei, vassallo e mendigo.

Amor ! mysterios sei que ao mundo ensino e canto.
Outros sei que não digo.

Não n
— já
nem c
Mas q

mas q
o anjo
que ne
como

Não c

Um g

Chóro

o amo

Não me queixo de vós, de quem fui o offendido
— já não têm contra mim vossas armas encanto ! —
nem de vosso desdem longamente curtido.
Mas que descesseis tanto,

mas que o meu cherubim tombasse no monturo,
o anjo dissimulasse a serpe astuta e fria,
que nesse chumbo vil se mudasse o ouro puro,
como vos perdoaria ?

Não culpo a mão cruel que me abriu esta chaga
que ainda sangra e gotteja.
Um grande amor com grande ingratidão se paga.
Pois é assim, assim seja.

Chóro do teu contacto a nódoa que me fica,
tenebroso legado;
o amor que dissipei, criatura impudica,
e tão mal empregado.

A G. A.

O que

Sabios ! Sabedoria orgulhosa e demente !
 Mais verdade profunda ha no cális de um lyrio
 na tenue gotta dagua e na obscura semente
 que na vossa loquella e no vosso delirio.

fontes

Gilberto, a natureza é o deus presente e occulto
 no ar, na seiva, na flôr, no seixo e no granito.
 Enche a terra, enche os céus, dentro de mim o ausculto,
 pendulo universal, coração infinito.

Respo

Lá ru

Insensato edifica o que funda no vento;
 desasisado escreve o que na areia escreve.
 Mestres são tempo e estudo. Obreiro grave e lento,
 meu sonoro metal caldeio em fôrma breve.

Dorme

No ma

Estren

De hai

Como é breve a esperança e breve o desengano,
 o dia em que amanheço, a noite em que me agito,
 breve a concha do mar e reflecte o oceano,
 breve o teu beijo, amor, e contém o infinito.

Que m

no me

e esta

que en

O que sondo é mysterio. O que tópo é segredo.
 Grutas, fraguas,
 fontes frias, falai-me! Escutai-me, arvoredo,
 sombras e aguas.

Respondei, natureza immortal ! Amo e ignoro !
 Deus cruento !
 Lá rugir e roncar, céu azul, mar sonóro,
 isso é vento.

Dorme a noite no céu, noite da minha vida !
 No mais fundo de mim geme uma nova corda.
 Estremece e resôa uma voz nunca ouvida.
 De harmonia e de amor meu coração transborda.

Que me quer teu favor, destemperada sorte,
 no meu torvo destino a estrella que fulgura,
 e esta gotta de mel prelibada na morte,
 que encheu e extravasou a taça de amargura ?

Entre as nuvens do céu, naquelle cimo abrupto,
nasceu cresceu subiu um pinheiro esquecido.
Verde sombra não dá. Ninguem lhe quer o fructo.
Inutilmente agita os braços de vencido.

Triste o que amou na terra e vive inconsolado !
Triste o que funda um bem no mundo passageiro !
Mais triste o que nasceu e viveu exilado,
solitario entre os seus e na patria estrangeiro.

A A. M.

De que vale o rumor de uma gloria importuna,
de um louro illustre, Abnér, a offerenda tardia ?
Minha porta cerrei aos ventos da fortuna.
Sentado ao pé do lume espero o fim do dia.

Diligente sem pressa, operoso sem bulha,
vendo arder e estalar a chamma alviçareira,
subir, luzir, tremer e apagar-se a fagulha
que foi sol alegria e gloria da lareira.

Longe me andais buscando e de vós estou perto.
 Nem vêdes que vos vejo e sigo a todo instante,
 nem vos ouço bater o coração deserto.
 Ai de mim ! ai de nós ! Tão perto e tão distante !

Um dia me achareis, que embalde vos procuro.
 Já não serei quem sou, vosso servo e offendido.
 Inerte dormirei no meu sepulcro obscuro.
 E me achareis, então que me houverdes perdido.

Filho, a bondade é sol e alegria do mundo.
 Sê bom ! Dá do teu pouco, á vontade e a contento.
 Semeia ! O coração dos homens é fecundo
 como um campo lavrado onde um grão rende um cento.

Ama. Esquece e perdõa. Amanhã morreremos.
 Dura e gélida aos máus é a pedra do jazigo.
 Mas o amor redolente e seus lyrios supremos
 vestirão de esplendor a nudez do mendigo.

Deuses, de tantos bens que a fortuna dispensa,
 honras, premios, favores,
 dos sabios, dos heróes, dos grandes recompensa,
 aplausos e louvores,

vosso servo fiel, diligente e constante,
 só vos pediu a graça
 de respirar a flôr fugitiva do instante
 breve e feliz que passa;

de viver e ignorar a tristeza afflictiva
 da velhice importuna,
 e de mostrar ao mundo a mesma face altiva
 na bôa ou má fortuna.

Que mais queres de mim, mocidade atrevida
que me estendes de longe uma palma irrisoria ?
Minha taça exgottei no banquete da vida.
A' mesa do festim cantei o amor e a gloria.

Mas o teu beijo, amor, e, gloria, o vosso louro
immortal, para mim já não têm mais encanto.
Já Dyonisio não sou tangendo a lyra de ouro.
Entre espectros caminho, a sombras falo e canto.

E si acaso na terra alguma doce imagem
meu coração retém prisioneiro do instante,
o que lhe apraz é a rosa innocent e selvagem,
desdenhosa como elle e como elle inconstante.

Viesseis hontem, com os vossos labios de criança,
 vossa fé, vosso ardor ! De par em par abrira
 as portas de rubi, de ónix e de saphira
 do meu palacio de ouro onde ria a esperança !

Viesseis com a vossa graça e a vossa melodia
 e esse entono de gloria ovante no horizonte,
 viesseis tomar-me as mãos, viesseis tocar-me a fronte,
 que abrasava e dourava o sol do meio-dia !

Hoje, o silencio habita o palacio em ruina
 onde furtivamente erram de porta em porta
 o Passado distante e a Mocidade morta,
 par fraterno, sorrindo ao dia que declina.

A flamma consumiu as fléchas e as arcadas,
 os altos tectos, de ouro e marfim embutidos;
 meus lindos torreões tombaram abatidos,
 o vento dispersou as aguias derrocadas.

E de tudo o que foi grandeza, orgulho, entono,
 esperança ! inconstante, alada mensageira !
 só me resta afinal esta cinza ligeira
 que sopro ao vento, vão holocausto do outomno.

Deixa-m
partir e
Além, n
descansa

Não pro
que vaci
Meu cor
onde toc

E uma s
implacav
Braços q
a torment

Deixa-me, este ar suffoca, esta noite asphyxia,
partir e retomar a senda do exilado.

Além, no céu distante onde resplende o dia
descansará talvez meu peito atribulado.

Não procures deter meu passo fugitivo,
que vacilla ao transpôr a soleira da porta.
Meu coração padece e não tem lenitivo
onde toda esperança e toda crença é morta.

E uma surda secreta e sinistra ameaça
implacável persegue e enxota o peregrino.
Braços que me prendeis, deixai passar quem passa,
a tormenta, o seu raio, o homem, o seu destino.

Adeus ! Meu coração é de exilio e aventura.
Vou partir ! Egle, adeus ! Irmãzinha inocente,
mãe que embebeste em fel a tua criatura !
No deserto solar não procureis o ausente.

Meu desejo é do mar infinito e risonho,
de ar livre e espaço azul, de praias e de areias.
Quero, antes de morrer, sonhar meu lindo sonho
e dormir embalado ao canto das sereias.

Minha voz unirei aos bramidos do largo.
Juntos palpitão na areia e no granito
meu coração e o mar. Nem sei qual mais amargo,
mais descrido de Deus, mais só, mais infinito.

A DESPEDIDA

Eu vo
um m
E no
sinto
meu p
como
de fol

Eu vo
Mas a
Eu vo
amor
eu vos
lumin
Do gr
do qu
amai !

A DESPEDIDA

Eu vos ensino o amor. Meu corpo remoçado
um momento revive as horas do passado.
E no meio de vós, convivas recolhidos,
sinto em mim renascer o ardor dos tempos idos,
meu primeiro, saudoso e juvenil entono,
como a arvore antiga um derradeiro outomno
de folhagem garrida e de fructos se touca.

Eu vos ensino o amor. Fé que interroga é pouca.
Mas a bôa raiz produz o doce fructo.
Eu vos ensino o amor integral e absoluto,
amor principio e fim, unico que não erra,
eu vos ensino o amor infinito da Terra
luminosa, fecunda, immensa e multiforme.
Do grão de areia ao sol, do verme ao monstro enorme,
do que humilde rasteja ao que adeja sublime,
amai ! o amor sacia; amai ! o amor redime.

Corações, aquecei ! abrasai, viva flamma !
Amai ! Muito comprehende, amados, quem muito ama.

Um circulo infinito é a creaçao immensa.
E a dura pedra, o bruto, o homem que soffre e pensa,
todo o ser no universo, os vivos e os não vivos,
são, meus filhos, talvez, os élos successivos
de uma eterna, incessante, invisivel cadeia.
Mysterio e amor é a Terra. Amai-a e comprehendei-a.
E vereis dissipar-se a névoa da torrente
e o mysterio tornar-se claro e transparente.

Eu vos ensino a Vida. Em cada criatura
respira o creador da obra-prima futura,
o architecto da mais alta torre, o piloto
do mais longinquuo mar e do céu mais remoto,
o pioneiro dos mais arduos cimos, o athleta
da mais dura fadiga e da mais longa méta.

Sêde um desses ! Marchai ! Luctai ! Ide por diante !
Pioneiros, caminhai na aurora radiante !
Viver que importa, irmão ! importa o esforço e a lucta !
Gloria ao que sonha e canta e gloria ao que executa !
Não ha trabalho vil e não ha baixo officio.
Só a inercia é vileza e só deshonra o vicio.
Amados ! preservai do filtro deleterio
vossos corpos que são as urnas de mysterio
que o nosso amor consagra ás kermesses futuras !
Um deus presente assiste o obreiro de mãos puras,

multiplica o celleiro, abençoa a fazenda.
Amigos, o trabalho é como uma offerenda.
Filhos, é a libação suprema aos deuses grata
si o coração é puro e limpo como a oblata.
Sacerdote, orador, artezão, magistrado,
misero o que carrega um nome deshonrado,
o que desdoura a toga, o que envilece a blusa,
o que tráe por dinheiro e por dinheiro accusa.
Não encontre na terra um coração de amigo
que pulse igual do seu na gloria e no perigo.
Nem casto olhar de amor o acompanhe na lucta.

Lançai de vós a mão que não fôr impolluta !
Sêde, quaes vos figuro, os Principes Perfeitos !
Como os lyrios crescei, altos, brancos, direitos !

Este lemma final inscrevo em vosso escudo:
Servireis e amareis a patria antes de tudo,
indivisivelmente, irreductivelmente !

Ide agora ! Tomai o sacco de semente.
E, pois a madrugada o horizonte arroxeria,
lançai diante de vós, alto e longe, á mão cheia,
voltados para a luz que côa do nascente,
no sulco rectilineo aberto de recente,
que ainda guarda o calor da terra revolvida,
o grão dourado e cheio, alegria da vida,
que cresça e fructifique ao sol multiplicado.
Não vos direi: fugi do mundo e do peccado.

Moços, direi: fugi do vicio e da impostura;
do sopro de paul que cresta a flôr de altura
em vossos corações nascida immaculada;
do monstro fome-de-ouro, e da immunda cilada
do sophista, do escriba e dos máus prégadores,
do odio e da hypocrisia.

Ide, semeadores !

Primeiro que me cale o grão rebenta e grêla !
Mas, lá diz o rifão, velhice é tagarela.
E não sei que temor ou que presentimento
me advertiu, filhos meus, que era vindo o momento,
e nunca mais talvez me acharia comvosco
neste logar, sentado á mesa de páu tosco,
debaixo da latada onde se enleia a vinha,
charlando e discreteando a sós; e que convinha
que uma palavra austera, opportuna e medida
regesse e festejasse a nossa despedida,
nesta hora faustosa e solenne entre todas
que ha de testemunhar no tempo as nossas bodas
sob a especie da Patria; e que um beijo sagrado
sellasse para sempre o pacto celebrado
e recolhesse a vossa inflexivel promessa
quando um mundo se acaba e outro mundo começa.

Vinde ! — Tu, meu dilecto e fogoso romeiro,
meu gardingo ! Entre os mais, foste sempre o primeiro,
de pé com o sol jocundo, alerta e destemido.
Lidador, não te apanhe a fortuna dormido !

— Tu, meu descobridor de invisiveis thesouros !
Respiro, affago e beijo os teus cabellos louros
e tres vezes lhes lanço a benção do diadema !

— Tu, do aédo esperança e delicia suprema !
Com que gosto, embocada uma frauta sylvestre,
confundindo os rivaes, igualavas o mestre !
Já não tinha o cantor para ti mais segredos.

— E tu, meu bom colono ! — E vós, meus cytharedos,
meus canoros rivaes, cantai ! vibrai ! O verso
é a celeste harmonia esparsa no universo.
E' a sublime oração que derrama na altura
aos pés do creador a voz da criatura.

Ide, agora. A caminho ! E que nenhum lamento
ocioso profane o nosso apartamento,
que o chorar e carpir é proprio de mulheres.
Vós, um deus vos reserva a mais altos misteres !
Ide ! Eu mesmo, aprumando o corpo que se inclina,
com vosco descerei a encosta da collina.
Meus olhos lavarei na verdura dos prados.
Sus, varões !

Mas adeus ! meus passos emperrados
já não querem mover o peso da carcassa !
Daqui vos seguirei com a vista curta e escassa.
E quando vos perder além, na róta infinda,
os olhos fecharei para vêr-vos ainda.
Mocidade, a caminho ! Adeus ! Segui direito,
cantando e porfiando, o atalho rude e estreito

que do valle conduz á crista da montanha,
aspera de galgar, temerosa e tamanha,
mas banhada de luz nos cimos commettidos.
Não volteis para trás os olhos e os sentidos.
Erectos caminhei na trilha certa, a fronte
erguida para o sol, que surge no horizonte.

Astro e milagre eterno ! Eu succumbo no occaso.
Mas tu, fonte de vida e de alegria, vaso
adoravel, recebe em tua incandescencia,
na tua luz transfunde, accende e abrassa a essencia
do meu corpo mortal, mesquinho e miseravel.
Faze que a morte horrenda, espectro inexoravel,
não seja para mim silencio e acabamento,
e dia sem fadiga, e noite sem lamento,
e ocio eterno ! Mas dá que eu possa cada dia
como tu renascer naquellea penedia,
como tu repartir-me em bençãos no universo,
como tu derramar-me infinito e diverso
entre os homens que amei, sobre estas frontes caras,
dourando os corações, os berços, as searas,
o rancho do pastor, a estrada do viandante,
como tu, Coração immenso e transbordante,
Alegria de dar sem medida e sem conta
mesmo a ingratos e máus.

Hosanna !

O sol desponta.

PARABOLA

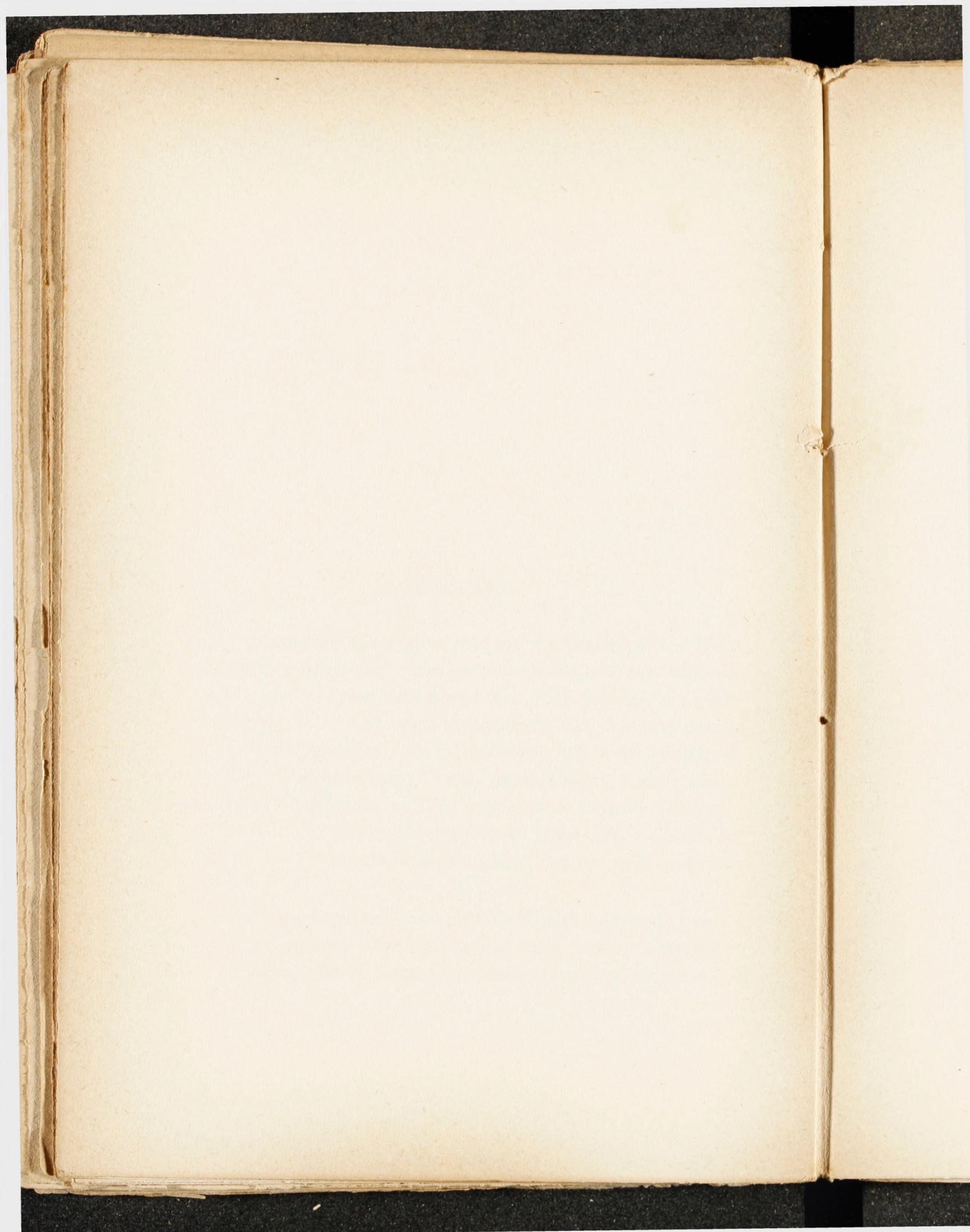
O Hor
assent
Entre
esprei
indife
aponta
Outro
ai de v
Desça

Mas o
“Nesc
E si c

PARABOLA

O Homem, galgada a encosta escarpada do monte,
assentou-se e chorou, com as mãos cobrindo a fronte.
Entre si concertando, os discipulos perto
espreitavam o céu luminoso e deserto,
indifferente á dôr daquelle justo. Um disse,
apontando a cidade orgulhosa: "Immundicie!"
Outro: "Horror e abjecção!" E o terceiro: "Impostores,
ai de vós ! phariseus, esribas e doutores !
Desça o fogo do céu sobre a raça execrada !"

Mas o Homem, descobrindo a face amargurada,
"Nescios ! disse, não culpo o coração alheio.
E si chório, é que em mim eu mesmo já não creio."



EPIGRAMMAS

NAC

O AI

NACIONALISMO

Restauremos o indigena no estylo !
E' preciso dizel-o e repetil-o !
Dante, Camões e os mais de Grecia e Roma
cada qual escreveu no proprio idioma
cousas grandes, sublimes, inspiradas.
Pois façamos o mesmo, camaradas !
O *promode*, o *vancê*, o *aspouis*, com a bréca !
E' da fala da gente ! Viva o Jéca !
Viva a roça ! Eu por mim vou ás de cabo,
indio sou, por Tupan ! Disso me gabo !
Minha musa é tapuia e não se vexa
de andar núa no matto de arco e flecha.

O AMPHITRYÃO

Que és fidalgo de polpa ninguem néga.
Tens cozinha excellente e optima adéga;
mas, finda a refeição, lês versos teus.
Não me appetece a sobremesa ! Adeus !

AQU

CARIDADE

Pedes para a viuez, para a orphandade,
para escolas, igrejas, hospitaes,
para albergues nocturnos e outros mais;
és a maior pedinte da cidade.

Fazes com a bolsa alheia caridade.

Triumphas nas catastrophes totaes;
és unica em calamidades taes.

Mas tu mesma és a peior calamidade !

Quem é caritativo, o bem pratica
por si ! Não atormenta a gente rica,
não azucrina os mais, crentes e atheus.

Não clama, não persegue, não amola.

Dá sem alarde. Assim agrada a Deus.

Mas é que tu não dás, pedes esmola !

CAN.

A SI

A BEATA

Comeste quando moça os bons boccados.
Hoje purgas, Lucilia, os teus peccados
com rezas, ladainhas, padrenossos.
A carne ao demo, e Deus que rôa os ossos !

AQUARELLA

O quadro finge os restos de uma orgia.
Doces, fructas, champanhe, gelo e rosas;
no chão cahida, uma ampoula vasia.
E perto, no divan profundo, as duas,
como duas colombas amorosas,
abraçadas adormecidas núas.

CANDIDA

Dizem que os homens Candida detesta.
Mentira ! O nariz grego, a larga testa,
essas olheiras, esses labios grossos...
Não ! Não me engano ! Candida é dos nossos.

A SIRIGAITA

Mostra Laura impudica perna e seio.
Menina ! o precioso é o que se esconde
ou se mostra escondido de onde em onde.
O bonito commum torna-se feio !
Esses descaramentos aborreço,
Laurita ! O muito visto perde o prego.

A S. R.

Severiano, amigo ! o tempo é duro !
 Quem ouve ainda a voz da grande lyra
 no tumulto da corja que delira ?
 A patria jaz prostrada num monturo.

Assim Roma, afogada em ouro e lama,
 a tunica do Imperio profanava.
 E Valerio Marcial á turba ignava,
 rindo, lançava o dardo do epigramma.

INVECTIVA

Nunca fui nem serei dos teus amantes, lua
 sentimental e caricata.
 Sempre tive aversão aos teus bardos, á tua
 cara obesa, redonda e chata.

Hoje, tenho-te horror ! Emplastada á janella
 do meu amor, a noite inteira,
 para gaudio dos cães ficas de sentinella,
 immovel ! Treme, alcoviteira !

Já no pico do morro, annunciando a aurora,
 um halo tenue se debuxa.
 Canta o gallo, amanhece o dia ! — Passa fóra,
 velha horrenda ! megéra ! bruxa !

CICERO

Cicero, á noite, bebedo notorio,
bebe ! E de dia assiste no pretorio.
E contra a intemperança alli troveja,
arrotando justiça com cerveja.

O POETASTRO

1

Filho obeso de Baccho e da musa porcina,
súas, versificando, a contar pelos dedos
jambo e dáctilo. Em vão ! A arte tem seus segredos
que Valerio não sabe e Horacio não ensina.

Alado sopro, o Verso é como as borboletas,
feixe ardente de luz maravilhosa e rica.
Fulvio, o teu verso é coxo, o hexametro claudica,
e o pentametro, horror! caminha de muletas.

2

Lembras, vate mofino, o villão que na estrada
manquejando persegue um pequenino insecto.
Foge e remonta aos céus a phalena dourada,
e o que nas mãos lhe fica é cinza e visgo abjecto.

CURSO DE DECLAMAÇÃO

O
Grita Irene e braceja, horrenda e trepidante.
Que ha ? Que succede, pythoniza nefasta ?
Nada ! Irene declama. Ao demonio a pedante !
Meu verso vale pelo que vale, e basta.

A A. M.

A L
Meu nome, caro Abnér, não anda nas gazetas
nem do escribe mendaz na lisonja importuna.
Minha musa desdenha a fama das trombetas;
contente vive obscura e ri-se da fortuna.

CA
Me
— I
DIS
Do meu proprio labor em mim mesmo me ufano.
Meu louro natural nasce no cimo aipestre,
por caminhos, Abnér, vedados ao profano.
Mas que louro immortal vale o louvor do mestre ?

O CENSOR

As mulheres maldizes penitente,
Felicio. E's casto ? Não ! és impotente.

O CONSELHO

Choras porque nasceste; por um grillo
choras; levas chorando a vida inteira;
choras por isto, choras por aquillo;
não és um poeta, és uma carpideira !

De que te queixas ? Mira-te no espelho !
Mas eu bem sei a causa do teu chôro,
tu choras por chorar ! Toma um conselho:
vai para Portugal, lá fazes côro !

A UM PAMPHLETARIO

Os velhacos e os máus, juiz inclemente,
zurzes com a penna râbida e ferina.
Só não falas de ti ! Pois francamente,
perdes o thema da melhor verrina !

CATURRA

Me dá ! — Dá-me ! — Me dá !, digo eu ! — Erra, imbecil !
— Bruto ! érro em Portugal, acérto no Brasil !

DISCORDANCIAS

Não me entende esta gente, ao que estou vendo,
immersa nos prazeres dos sentidos.
Nem eu a entendo, misera ! E si entendo,
melhor é andar assim desentendidos.

O PARIA

PA
Eu nada sou na patria, está bem visto.
E' que quando chegou a minha vez
encontrei já por cá, senhores disto,
o bacharel, o frade e o portuguez.

MAL DE ORIGEM

MA
A terra é bôa positivamente,
Pero amigo ! O ruim foi a semente.

O NEGACEIRO

DU
Queres porque não queres. Porque queres,
não queres ! Negaceiro, não me illudo !

Fazes como as mulheres,
Felix ! Nada querendo, queres tudo !

A VERTIGEM

PR
E's, Fulgencio, falando, homem sizudo.
Mas si pégas da penna, infortunado,
põe-se-te o juizo a arder, baralhas tudo,
investes furioso, allucinado.
Num segundo percorres o orbe immenso,
acommettes o proximo e o remoto,
a syntaxe atropelas e o bom senso.
Não causa tanto damno um terremoto !

PARNASO BRASILEIRO

De tonico e tintura este vate usa e abusa.
Não ha filtro capaz de redourar-lhe a musa!

O MESTRE

Reveremol-o todos quantos somos !
E' Fabio autor de tomo ! — Não ! De tomos !

MARTIALIS

A todos se dá toda e sem vergonha Lais.
Mas dar a todos tudo é vergonha demais !

DUCES

Dos povos, das nações disputais o commando.
Amai ! Não se governa odiando, mas amando !

PROMETHEU

Deuses ! Rio-me de vós ! Prostrado,
(não vencido !) padeço desterrado,
preso, immovel, jungido no granito.
Mas o meu pensamento enche o infinito !

SOLUS ERIS

Galga os cimos azues ! Busca os ermos alpestres !
Alto e só ! Não ha escolas, filho, ha mestres !

SOBRE UM TUMULO

Era gloria e delicia do seu povo.
Este o apostolo foi do Brasil novo !
Teu grande coração aqui repousa,
Olavo. Como a vida é pouca cousa !

PROFISSÃO DE FÉ

Minha fé que te importa e minha casta ?
Eu dos vossos não sou, é quanto basta.

O CANDIDATO

A' porta da Academia
chega o candidato e mia,
sobraçando um capadinho
do tamanho do mendinho.
"Enrai, diz-lhe a companhia.
Valeis pelo que miais !
O capadinho é de mais".

SYLVANINHA

Teu corpo é como o oásis do deserto
onde a palma sussurra ao vento incerto
e rumorejam frondes e nascentes.
Como o oásis florido, alva Sylvana,
onde passa de dia a caravana
dos risos e das graças innocentes
e onde á noite os desejos uivam, feras,
brutas leóas, lubricas pantheras.

DA ANTHOLOGIA GREGA

Tens lagrimas na voz, suspiros, preces,
tudo mostras de zelo e de paixão.
Mas si te digo: "Toma-me !" esmoreces,
prégas os olhos timidos no chão;

muda-se em gelo o fogo vehemente,
pelas faces escorre-te o suor;
pallido, immovel ficas... Francamente
para um amante falta-te o melhor !

CARLOS

Lá pôde alguem rivalisar comtigo !
Carlos, és o Poeta, o mimo, a gemma
dos poetas indigenas ! Que digo !
Tu não és um poeta, és um poema !

O EPIGRAMMA

Arte breve e terrivel do epigramma,
aborrece-te o parvo, o sabio te ama.

VERGONHA

Vergonha, Mestre João Ribeiro, amigo,
sobre estes tempos duros e homens duros,
calamistrados, como usam commigo !
Appello para os seculos futuros !

Mas que digo e de que me queixo, eu louco,
si tu, Mestre, alto engenho, assiduo estudo
arte e saber, te valem de tão pouco !
E nada tem quem devera ter tudo.

OSORIO

Mestre Osorio o epigramma é cousa breve e alada !
Tu, pedante, o teu verso é giboso e massudo.
Em pouco digo muito, em muito dizes nada.
Si digo: "Osorio é um asno !" digo tudo.

ARETINO

Meu nome escamoteias da gazeta,
Aretino vilissimo, peseta !
Imaginas acaso,
insecto, escamoteiar-me do Parnaso ?

ORGULHO

Pegaso brasileiro ! Na corrida
louca, lancei-lhe o arção e puz-lhe a brida.

BRASILEIRA, PATRICIA !

Brasileira, patricia ! tenho pena
de ver-te dar ouvido á labia ensossa
desse pintalegrete de melena.
Penso, e tremo por ti, formosa moça !

No Brasil penso, penso no futuro,
mães ! na sorte que aguarda os vossos filhos,
os perigos e os males conjecturo,
si vingar esta raça de casquinhos,

de badamecos, tolos e incapazes,
besuntados, lustrosos, coloridos,
mais meninas, em summa, que rapazes,
e muito mais mulheres que maridos.

A CILADA

Grato encontro ! Um soneto aqui tenho commigo...
— Livra, adeus!—Que destino?—O opposto ao teu, amigo!

MODERNISTAS

Walt Whitman macaqueias, insensato !
 Inchas, rã do Parnaso, em vão ! A medo,
 sumida, espremidinha como um flato,
 esganiças a voz. Vil arremedo !

VENDETTA

Dizem que ousas picar-me, horrendo Osorio.
 Morre, insecto ! Fisgado estás na trama
 invisivel e eterna do epigramma.
 Insecto ! vibrião ! larva ! infusorio !

O ORADOR

Portentoso orador ! O' facundia inaudita !
 Roma em peso te admira e segue com respeito.
 Tua voz, Marco Tullio, é colera e vindicta.
 Fosse amor ! Quem te déra um coração no peito !

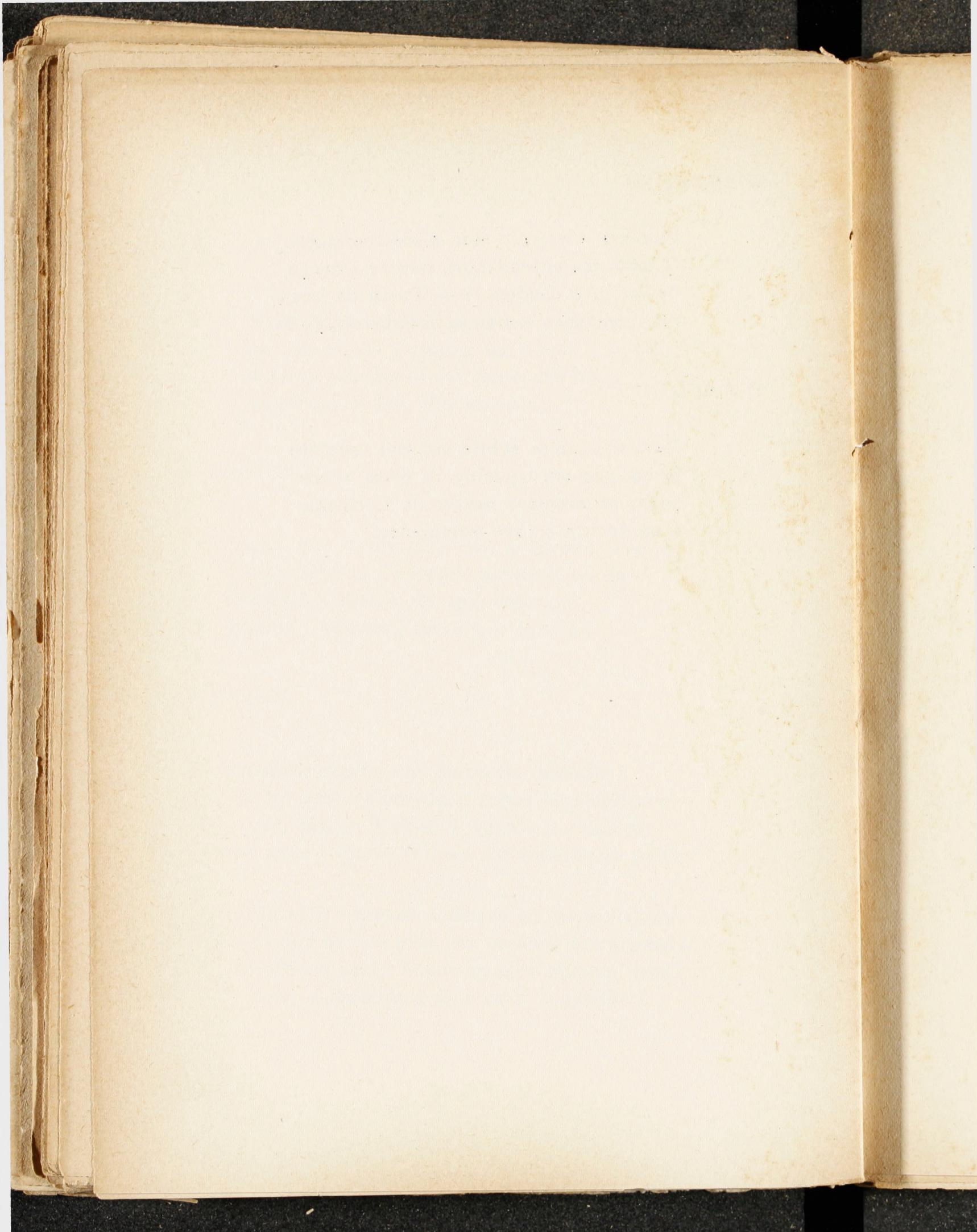
Coração vivo e quente ardendo em pura flamma,
 flamma que os corações ora accenda ora abrande,
 e alto vôe no azul ! Pobre grande homem, ama !
 Só o amor é fecundo e só o amor é grande !

O INTRUSO

Fala-me, á noite, o mar, a sós commigo.
(Como nos entendemos, mestre amargo
de infinito desdem !) — Passa de largo,
não perturbes o meu colloquio, amigo !

O FACUNDO

Dos teus labios subtis um mel succinto
brota, que em colorido as rosas vence,
passa no aroma o nectar de Corintha
e na docura o favo atheniense.



INSCRIÇÕES PARA AS FONTES

FONT

FONT

FONT

FONTE DO LEGISTA

Bebe e cala ! Sou fonte e agua corrente.
Meu tenue fio corre de mansinho,
limpido, socegado, transparente.
Não me turves, causidico ! Adeusinho !

FONTE DO POETA

Si a inspiração te foge (e o tino !) acaso,
poeta ! bebe um gole, a Musa invoca !
Sou fonte brasileira e carioca,
mais sabida e melhor que a do Parnaso !

FONTE DO GRAMMATICO

Bebe um pouco, (ou, si queres, uma pouca !)
desta lympha lustral ! E fecha a bocca,
não lhe entre sollecismo ou syllabada !
Pedagogos ! philologos ! Cambada !

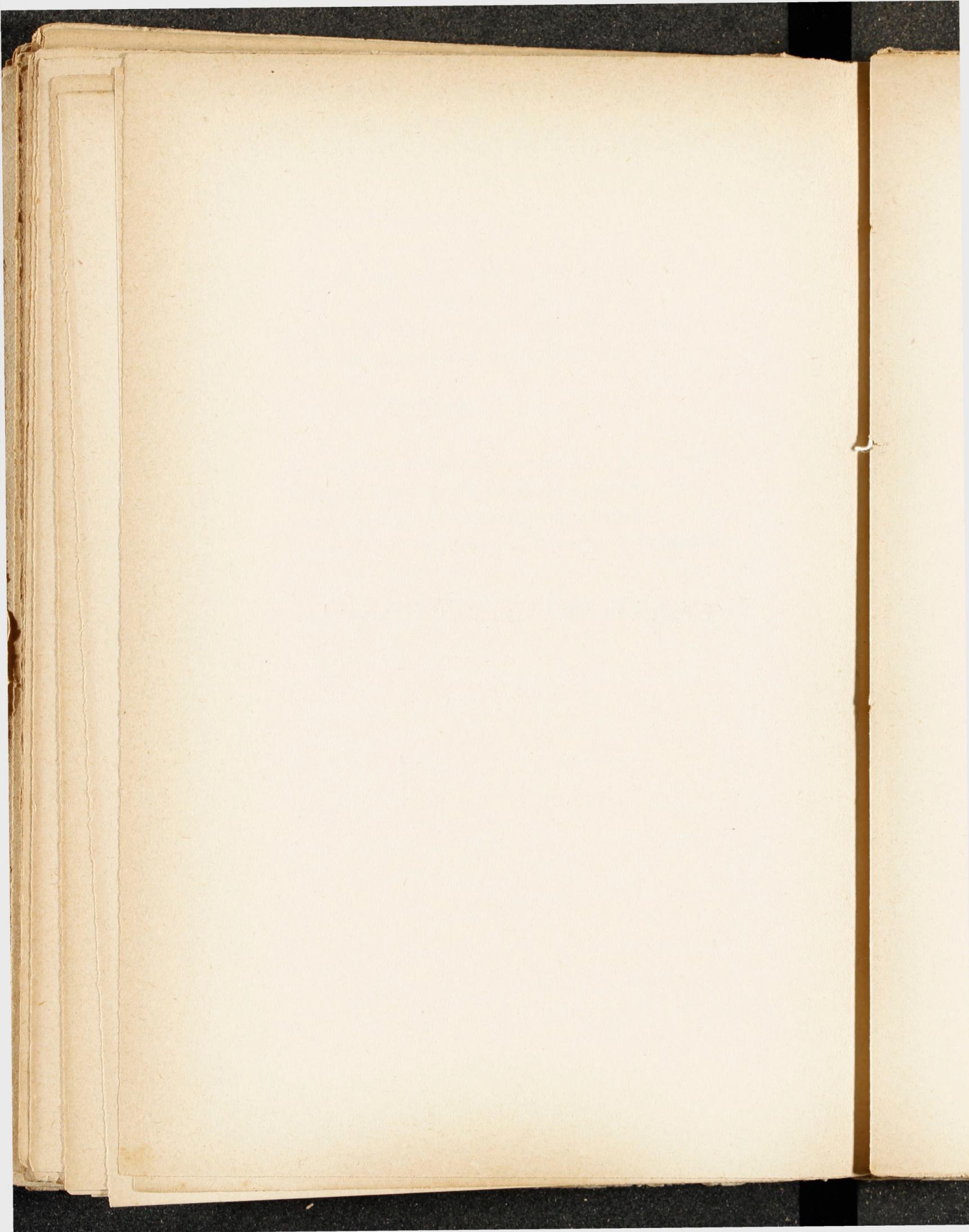
FONTE DO CLASSICO

Tu cujo estylo é neve e cimo alpestre,
graça e simplicidade, salve, Mestre !
Sou como o bello estylo, agua corrente,
limpida, crystallina, transparente !

FONTE DOS JARDINS

Mysterio é a flor, que encanta e que inebria !
Cada calice é um hymno de alegria,
cada perfume uma oração de graças.
Deus habita os jardins, homem que passas.

CANTO DO CENTENARIO



Meu canto, meu ultimo canto
alcyoneo ! canto de esperança,
ultimo, solitario, sacrosanto !
Meu canto de gloria e victoria !
Annos e annos guardei-o na lembrança,
no coração e na memoria,
como a terna mãe no ventre augusto
guarda o doce fructo presentido,
tremendo de alegria e susto;
como a terra guarda a semente,
fechada em si profundamente,
o tenro grão dourado e cheio,
crescido no calor do seio.
E eis chega o dia da abundancia,
ó maravilha ! o grão é trigo,
o trigo é pão, o pão sustancia.

Tambem chegado é o nosso dia !
Meu canto alegre emfim resôa,
vibra implacavel melodia !

Voz que proclama e que abençôa,
voz que interroga e persuade,
voz de perdão, voz de bondade,
voz oblação, voz sacramento,
voz rogativa e mandamento,
clamor de todos os clamores,
amor de todos os amores,
voz do meu céu, voz do meu povo,
immensa voz de um mundo novo,
de uma belleza nova mais bella,
de uma grandeza nova mais santa,
de uma força maior que se revela,
sóbe, resôa e canta
tumultuosa, indomita, selvagem,
o canto que dormia no meu peito
e mando a cada coração, mensagem
de alegria e de amor ao povo eleito !

Meu formoso Brasil, patria querida !
Desconhece-te o frívolo estrangeiro;
tu de ti mesma andavas esquecida,
na indolencia de um morno captiveiro,
contente só da gloria de ser bella.
Eia ! desponta e brilha,
mensageira da sorte,
uma aurora maior que aquella
manhã de encantamento e maravilha
que ha cem annos passados

o grito ouviu *Independencia ou Morte* !
de accesos corações descompassados
palpitantes de amor e ancias secretas.

Onde os teus filhos ? onde os teus poetas ?
os que pratiquem hoje o grande rito,
os que celebrem hoje o grande canto
e lancem hoje aquelle mesmo grito
de amor da patria, eterno e sacrosanto ?

O que hoje aqui se canta é um canto novo,
e quem tiver ouvidos ouça e entenda;
uma nova magnifica offerenda
hoje aqui se depõe no altar de um povo.
Quem de vós é o divino officiante,
digno da portentosa investidura,
que revestisse a esplendida armadura
e que embocasse a trompa radiante ?
que fosse a voz das vozes confundidas,
a palavra que manda e que obedece,
o coração dos corações, a prece
unanime das preces repetidas,
e a vida, a vida de milhões de vidas ?

que fosse como toque de alvorada,
tanger de sinos em manhã de festa,
como orvalho do céu, como rajada
que passa e verga os tópos da floresta;

fogo que abrasa, voz que exhorta e clama,
e ao mesmo tempo verbo, orvalho e flamma ?

Deus louvado que déste ao filho obscuro,
premio de tantas lides e cançaços,
viver este minuto do futuro,
e contente alegrar os olhos lassos,
fruindo os dias ultimos do outomno,
ao sol da patria livre e independente;
e um novo ardor e generoso entono
no coração lhe accendes, e lhe accórdas
nas cavernas do peito as velhas cordas,
que resôam maravilhosamente
temperadas para a oblação divina
que hoje consagrarei, aédo novo,
no altar da patria, em face do meu povo,
como Sophocles grego em Salamina.

2^a voz

Brasil avante ! é o grito de commando.
Porfiar ! a divisa do futuro.
Vencer ! não odiando, mas amando.

Brilha nos céus o signo do destino,
resplandece na terra um sol mais puro.
O mundo inteiro é novo e matutino !

Côro

Manhã da consciencia humana !
Desce nos corações, divino orvalho !
Deus os homens irmana
para a festa do amor e do trabalho !

3^a voz

Meu formoso pendão ! sóbe e fluctúa,
mensageiro de paz e de alegria,
entre os povos da terra, nossa e sua.

Livre palpita desfraldado ao vento,
a cada coração consolo e guia,
a cada berço rogo e mandamento.

Côro dos adolescentes

Verde — amarelo — azul é toda a terra,
o céu e a terra inteira.
Todo o meu coração com tudo o que elle encerra
palpita na bandeira !

4^a voz

Que outra terra te iguala em formosura,
patria ! que tenha esse sorriso eterno,
essa graça infinita, essa doçura ?

Feliz daquelle que nasceu teu filho !
No teu sól sagrado me prosterno
e para te adorar a fronte humilho.

Côro

Que holocausto depôr nos teus altares,
que homenagens devidas ?
Não são teus nossos campos, nossos lares,
nossa amor, nossas vidas ?

1^a voz

Ouvi ! Meu solitario canto cessa !
Ouvidos quer meu coração cançado,
quer outras vozes minha voz oppressa.

Não sejam sempre timidos accórdes,
mas immenso clamor multiplicado
de milhões de almas, livres e concordes !

Côro dos Estados

Amor da patria ! abrasa nossas veias,
une estes braços, funde estas cadeias !
Amor da patria, eterno e sacrosanto.
Que não pôde este amor que pôde tanto !

1^a voz

Ah, meu sangue reconhece o grito !
Não faltastes ao chamamento,
como não faltareis no momento
exacto do dever prescripto.

Benvindos sêde, irmãos *Estados* !

Mas um por um sereis cantados.

Amazonas ! És um mundo que dorme
e espera o Deus que o tire ao caos informe.

Nobre *Pará*, vedeta ao norte ! Alerta !

Maranhão ! Minha terra tem palmeiras
onde canta o sabiá ! Canta e desperta
agora e sempre as almas brasileiras !

Piauhy, honrada paz, labor fecundo !
Assim se honra o Brasil e o novo mundo !

Ceará ! Meu denodado cearense,
contra ti conjurada, iniqua sorte
se obstina. Mas a sorte não te vence !
Honra a terra natal, irmão ! sê forte !

*Rio Grande do Norte ! A tua historia
é breve, irmão ! Mas foi escripta pelas
duas azas esplendidas da gloria
num pedaço de céu entre as estrellas !*

Honra e louvor á *Parahyba* ardente
a quem se deve o grande Presidente,
o piloto robusto e devotado
que dextramente rege a nau do Estado
através de recifes e de escolhos.
Bom piloto de Deus ! Deus te abra os olhos !
Vai comtigo a fortuna do teu povo !
Voga segura, nau do Brasil novo !

Pernambuco livre e republicano !
Honra e gloria ao leão pernambucano !
Irritada ainda a juba lhe fulgura.

Deus te salve, loba das *Alagôas* !
mãe que crias com leite de bravura
filhos que dás á patria, que apregões !

Um nada, e um mundo, um circulo e o infinito !
um lago, e resonancias de oceano,
estrophe de um poema não escripto,
Sergipe ! o Brasil todo é sergipano !

Nossa grande e sublime irmã *Bahia* !
Quem ousa disputar-te a primasia
do falar eloquente e persuasivo ?
Gloria aos deuses ! Demosthenes é vivo !

E' a tua vez, nobre *Espirito-Santo* !
Amen ! Que mais juntar-te ao nome e ao canto ?

Campos e Nictheroy, a invicta, abraço !
Um preito á Terra Fluminense ! e passo.

Salve, *Districto Federal* ! e a gemma
formosissima e rara do diadema,
tamoia, carioca e paisana,
mimo e inveja das captaes ! Hosanna !
Guanabara que o mundo maravilhas !
Gloria a Deus, Paquetá, joia das ilhas !
(De ti nasceu meu canto ! Ilha dilecta,
sê louvada nos versos do poeta !)

Hosanna, *São Paulo* liberalista !
Viva Deus e o café, terra paulista !
Teus sóes douraram nossas alvoradas,
Setembro, Independencia ou Morte !, Andradass,
esta gloria é paulista e brasileira.
Tres vezes salve, terra hospitaleira !
Genitora de heróes, nutriz de povos,
severa educadora de homens novos,

mestra das Artes, mestra do Direito,
que nos promette um mundo mais perfeito,
tua estrella nascente assombra.

Possa

brilhar sempre no céu, sublime e nossa !

Minas e a liberdade ! Eu vos saúdo,
cimos dourados, picos altaneiros,
da concordia civil baluarte e escudo !
Heróes, santos e martyres mineiros,
poetas da liberdade, eu vou saúdo !

Paraná, hoch ! Hoch, Santa Catharina,
brasileira, colona, e peregrina !
Jóias gemeas do indígena thesouro,
peregrino é o fulgor, mas é nosso o ouro.

Salve, Goyaz ! Immenso Matto-Grosso !
coração palpitante do colosso !
Irmãos ! vossa grandeza conjecturo
nas dobras luminosas do futuro !

Rio Grande do Sul ! Eu sou teu filho !
(Pelotas foi meu berço. Não lhe frustre
invejoso rival o humilde lustre !)
Não poude a ingratidão, não poude o exílio,
arrancar-me do peito, onde palpita,
a saudade do ninho hospitaleiro;
este peito é gaúcho e brasileiro.

Patria rio-grandense, sê bemdita !
Bemdita no teu coração enorme
e invencivel de mãe e de leôa;
na tua vigilancia que não dorme;
na faina industriosa e diligente
de cidades e villas e na gente
generosa e leal, honrada e bôa;
nos trabalhos do campo socegado
e na força pacifica do gado.

Revivei, dias placidos da infancia !
Companheiros da minha tenra idade,
recebei o meu beijo de amizade !

Onde quer que entre as nevoas, á distancia,
suba o fio de fumo de uma choça,
(ladram cães; apparece á porta a linda
roceira; o rancho todo se alvoroça,
fumega o chimarrão de bôa-vinda);
ou que em noite de marcha e de pampeiro
brilhe na treva a luz de uma pousada,
intima, cordial, convidativa,
Terra Gaúcha ! tiro o meu sombreiro,
agito o pála e grito: Viva ! Viva !

2^a voz

Eis um por um fostes citados
no rol glorioso e reluzente !
Um por um viestes, *Estados* !
Um por um dissetes: *Presente* !

Côro dos Estados

Presente agora e a todo instante,
Brasil ! presente em toda parte,
de norte a sul, perto ou distante,
para servir-te e para amar-te !

Côro dos adolescentes

Salve, terra natal, éden predestinado !

1^a voz

Mas tu terás meu melhor canto,
União ! que invóco e glorifico
hoje e por todo o sempre, prosternado
no altar da patria, augusto e sacrosanto;
que foste a rude, férvida advertencia
que o tibio rei moveu ao grande *Fico*;
que foste a voz que disse *Independencia*
ou *Morte* !; o ésto da multidão fremente
a 6 de abril, na praça, onde sorria
o sol da liberdade alvorecente;
e a 7 a explosão louca de alegria !

que foste a espada de Caxias, bravo
dos bravos, invencivel paladino,
immortal vingador do injusto agravo !
de Osorio o pála, emblema do destino,

solto ao vento dos pampas alteroso,
da Victoria certissima promessa;
a formidavel senha de Barroso

O BRASIL ESPERA QUE CADA UM CUMPRA O SEU DEVER

desde aquella manhã de junho impressa
nos corações, por todo o sempre, vivo,
fulgurante e sublime imperativo !

que foste aquella jubilosa aurora,
rutilante de todos os matizes
de alegre maio, esplendida e sonóra,
orvalhada de lagrimas felizes,
quando a immensa misericordia, feita
anjo e mulher, feita celeste graça,
redemptora desceu sobre uma raça;
e a propria Gloria ungiu a fronte eleita !

que foste a grande voz de Patrocinio
negro, tremenda e angelica na lucta;
Lopes Trovão cyclopico fulmineo
demolidor ! Quintino, alma impolluta;
que foste Benjamin Constant prégando
aos moços, digno do alto apostolado;
Deodóro, patriarcha venerando,
glorioso, sereno, immaculado,
e o sol de 15 de Novembro e a fála
bronzea, na bocca de Floriano: *A bala !*

Côro

Não

*União ! seja o nosso lemma,
nossa força e lei suprema !*

Poré
Filh
tão l

2^a voz

Bras

Vossa patria qual é, Brasileiros ? Será
o Amazonas immenso, o estupendo Pará,
fabuloso vergel, miragem feiticeira ?

A pa

Não ! Maior e mais linda é a patria brasileira.

Noss

E' Sergipe ? Goyaz, perola do sertão ?
Serás tu, verdejante, umbroso Maranhão
onde canta o sabiá na fronde da palmeira ?

Long
long
passa
Mal
Ah,
deste

Não ! Maior e mais linda é a patria brasileira.

Pernambuco será, joia do mar azul ?
Serás tu, serás tu, Rio Grande do Sul,
coração vigilante ao longo da fronteira ?

Irmã

Não ! Maior e mais linda é a patria brasileira.

Será São Paulo e a sua grande capital ?
Bahia, que circumda uma gloria immortal ?
Minas, livre e feliz, pastora e boiadeira ?

Não
o que

Não ! Maior e mais linda é a patria brasileira.

Porém de norte a sul do colosso *Brasil*,
Filhos da mesma raça altiva e varonil,
tão longe alcance a sombra augusta da bandeira,

Brasileiros ! irmãos ! é a *Patria Brasileira* !

Côro

A patria é o nosso amor, total e indivisivel,
a patria grande, augusta e forte !
Nossas mãos entrelaça, união invencivel,
pelo Brasil até á morte !

1^a voz

Longo é o rio da Eternidade !
longo e profundo ! Sombra apparente,
passo. Belleza, gloria, amizade !
Mal respiro, sórve-me a torrente !
Ah, mas o grito
deste immenso amor é infinito !

Irmãos, sêde unidos !

Não é grande o que abate glorias e grandezas,
o que dita leis aos povos opprimidos,

o que calca aos pés as raças indefesas;
o que a innocencia opprime,
o que profana a castidade,
o que se eleva pelo crime,
o que triumpha pela iniquidade.

Grande é o varão perfeito,
integro de corpo e alma,
que os caminhos seguros
da *Justiça* e do *Amor* segue direito,
e rectamente cresce como a palma.

Irmãos, sede puros !

Não é rico o senhor de infinitos rebanhos,
de immenso gado e de campos tamanhos,
cobertos de café, cáucho, cacáu e trigo;
o que abastece emporios desmarcados,
Nova York, Amsterdão, Bordéus, Lisboa, Vigo,
o que espreita de longe os cambios e os mercados,
e nas garras inopinadamente aferra,
para o tragar, o ouro da terra.

Riqueza é ter em si gloria e contentamento,
para o alacre festim lauta mesa servida,
contentar-se de pouco, alegrar-se da vida,
sabendo que ella dura o espaço de um momento;
é amar, piedade ser, ser flamma que irradia,
mas aquece, não fraca luz mortiça;

amar, servir a patria, os homens, a justiça,
amar e honrar os penates augustos;
mais apurado erguer-se cada dia;
deixar o corpo á terra, a alma prendel-a
ao carro de ouro de uma estrella !

Irmãos, sêde justos !

Não é forte o que tem exercitos enormes
resplandecentes de armas e uniformes,
e esquadras, cujo poderio espanta,
e capitães, arbitro dos destinos.

(Mentiu a voz que disse: a guerra é santa !
a vida é santa, monstros assassinos !)

Aquelle é forte
cujo infinito exercito é o *direito*,
cuja armada invencivel é a *justiça*;
que paira sobranceiro á sorte,
sem odio, sem inveja, sem cubiça,
e sem temor no peito;
o que commanda sem jactancia,
o que obedece sem baixeza,
o que nas horas de incerteza
guarda fidelidade e constancia,
unido á patria irredictivelmente
como á terra a semente

Côro dos Estados

União ! seja o nosso lemma,
nossa força e lei suprema !

Côro

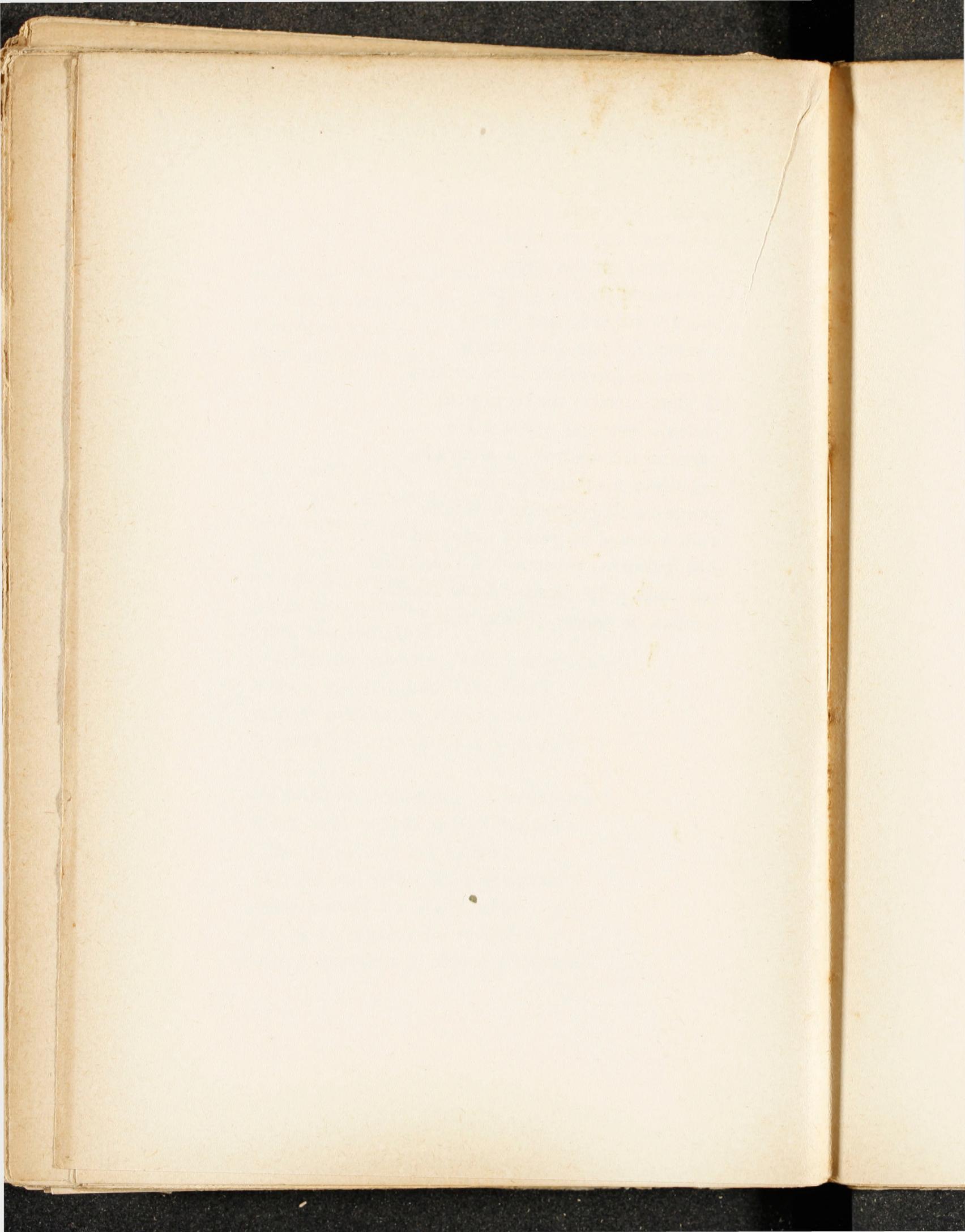
Amor da patria, abrasa nossas veias,
une estes braços, funde estas cadeias !
Amor da patria, eterno e sacrosanto !
Que não pôde este amor, que pôde tanto !

1^a voz

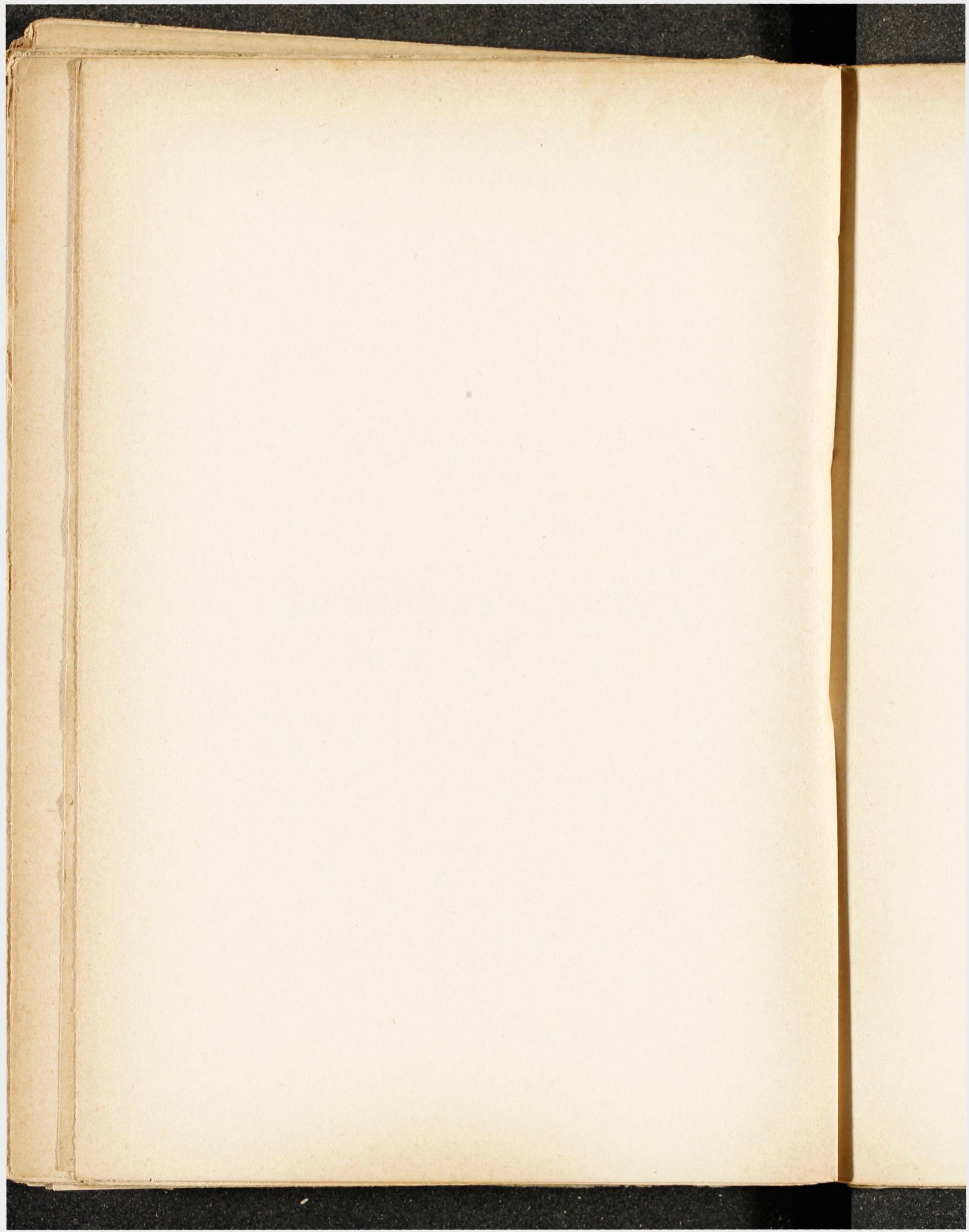
Meu canto, meu ultimo canto,
alcyoneo ! ignota melodia,
vento asperrimo e fogo sacrosanto !
Meu canto de paz e alegria
e infinito contentamento !
De ti me despeço, é o momento !
(Em vão tentais deter meus passos,
prender-me em vão, formosos braços !)
Adeus, vida, rapida miragem !
mundo orvalhado e matutino !
Camaradas ! traga-me a voragem...

Tu, meu canto, segue o teu destino !
Anda sem trégua e sem repouso;
anda de cidade em cidade,
de villa em villa; em cada pouso
entra e pede hospitalidade.
Entra no rancho do tropeiro
com o minuano e com o pampeiro;

busca o operario na officina,
o mineiro na sua mina,
o lavrador na sua roça,
o pescador na sua choça;
busca o soldado que bivaca
e canta e fuma na barraca,
ou monta guarda a noite inteira
lá num recanto da fronteira;
busca o marujo, horas a fio
perdido em sonhos na amurada,
seguindo a esteira do navio;
chega-te alegremente e brada,
com a voz e os gestos esquecidos
dos maiores, presentes e invisiveis,
em cada peito brada: *Sêde unidos,*
irmãos, e sereis invenciveis!



CANTO DO CREPUSCULO



Tarde ! Silencio de ouro da collina.
Hora do adeus festiva no horizonte.
O sol declina.
Bebem-lhe os valles,
bebe-lhe o mar e o monte,
bebe-lhe a rosa humilde abrindo o calix,
bebe-lhe o musgo, bebe-lhe a semente
que será flôr, a flôr que será fructo
e pão de Deus multiplicado á mesa
da infancia e da pobreza,
bebem-lhe avidamente,
como a cria voraz suga o leite materno,
do proprio seio da abundancia
vida e sustancia.

Globo translucido e perfeito !
Astro e milagre eterno !
Não poder meu peito,
sol immorredouro,
como tu derramar-se em bençãos de ouro

na terra sempre nova e sempre linda,
que cada dia espera a tua vinda
na mais verde fronde do outeiro,
no mais alto cimo da montanha,
grato e celeste mensageiro,
a tua mensagem dourada
aos tugurios, ás messes, á campanha
adormecida núa na alvorada;

que te abençoa na canção dos ninhos,
no sussurro das fontes, no alarido
dos berços, no alvoroco dos caminhos;
no perfume, no som, no colorido,
no que rasteja, vôlea, anda ou fluctua,
mundo infinito e variegado
que um raio esplendido redoura,
na antiguidade da charrua,
na mansidão do gado
e na simplicidade da lavoura;

no gesto que espalha a semente
no que as velas abre, as rêdes lança,
brita e malha, porfia e lida,
e na eternidade da esperança
baldada eternamente, e eternamente
no coração dos homens renascida.

Luz que allumia, força que redime,
astro adoravel ! Não poder meu peito
abrasar-se de ti, na tua essencia
transfundir-se, na tua incandescencia
confundir-se, reverberar, sublime
amor da terra, coração perfeito,
inexhaurivel ! Com que alegria
silenciosa e transbordante
sobre terras e mares
meu radioso sangue esparziria !
Valles, vergeis, palmares,
cimos alcandorados,
mundo animado e palpitante,
como vos prenderia em meus élos dourados !
Como vos aquecêra,
gelos ! Vós, corações endurecidos,
vos tornarieis como branda cêra.

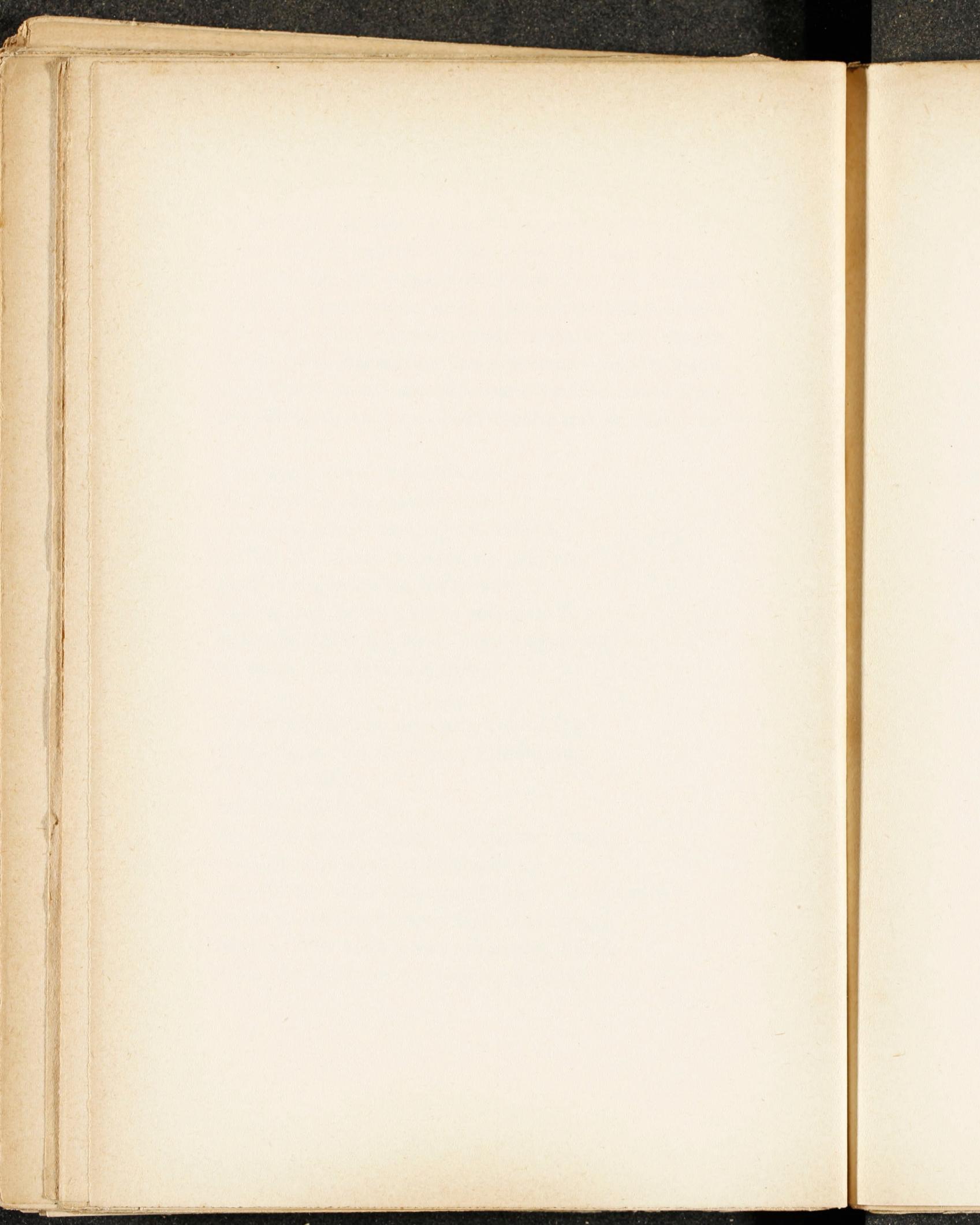
Onde haveria um ermo
que não se povoasse de escondidos
thesouros e esplendores,
maravilhosamente;
antro que não se illuminasse, enfermo
que não tivesse allivio ás suas dôres,
contento o descontente,
tréguas o amofinado,
consolação o afflictio,
balsamo e lenitivo,
esperança o captivo ?

O mais abandonado
miserrimo proscripto,
no chão de uma masmorra immunda,
só com o seu crime, só com a sua grilheta,
só com a sua alma ferrea sitibunda
de soldado, de heróe, de anachoreta,
com o seu destino posto frente a frente,
desdenhoso, sublime, indiferente,

fôra-lhe o meu primeiro raio
no duro carcere maldito
festa, alegria e cantico de maio;
allivio ao triste, balsamo do afflito,
justiça e gladio do innocent,
voz no seu ermo, paz na sua guerra,
infinito olhar de amor resplandecente
na terra, na terra, na terra

Tarde ! Silencio de ouro da collina.
Hora do adeus, solenne e commovida.
O sol declina.
Sol da minha vida,
do meu amor! ignea, purpurea chaga,
coração abrasado e palpitante,
bateste em vão ? ardeste em vão ? O instante
passa e dissipa a chamma que se apaga.
Morta ! Por todo o sempre morta e fria,
a luz de onde jorrou toda a alegria!

Morto, empanada, exticta a realeza,
o astro que reflectiu toda a belleza,
morto ! (si tudo a morte apaga e finda),
morto ! Ou renascerás, quem sabe, acaso,
algum dia, nalguma ignota serra,
Sol-Coração, como este sol no occaso,
para viver, soffrer e amar ainda,
na terra, na terra, na terra



ULTIMOS VERSOS

Vejo
Rei e
Tont
prom

Dese
Nuve
Já na
é mo

1

Vejo empallidecer a estrella dos meus dias.
Rei do festim, deponho a corôa de rosas.
Tontas! que me quereis, esperanças tardias,
promessas mentirosas?

Desenganado e só contemplo o sol do occaso.
Nuvens de ouro, illusões, já de vós não me fio.
Já não te creio, amor ! O fogo em que me abraso
é morte e desafio.

2

Celeste olhar que me allumias !
De que ineffavel Claridade
douraste a nevoa dos meus dias !
Trahiu-me a gloria e a mocidade.

Do adolescente ébrio de vida,
phantasma errante do passado
que cruza os braços e duvida,
resta um homem triste, cançado

do vão rumor do enxame humano,
sentado immovel no granito,
á noite, em face do oceano,
mudo, interrogando o infinito.

Mas no coração desse triste,
no peito desse abandonado,
primeiro amor que lhe sorriste,
brilha o teu sol, nunca empanado;

astro adoravel da pupilla
azul, maior que o céu, mais forte
que Deus! chamma que não vacilla
e desafia a noite e a morte.

3

Que me quer este nome e este segredo ?
Amor ! passado é o tempo das loucuras !
Vai-te, e deixa-me estar no meu degredo.
Eu já não sou aquelle a quem procuras.

Porque me olhas assim irado e torvo ?
Não foste o Deus da minha mocidade ?
Deixa-me em paz no sonho em que me absorvo.
Já meu caminho beira a eternidade.

Solitario aprendiz as horas passo
absorto, ouvindo a musica do espaço.

O poeta é uma voz na grande orchestra
formidavel do immenso todo. O' mestra,
natureza ! Mas tu, nos teus registros
profundos, jubilosos ou sinistros,
cem mil cordas resôam, cem mil trompas !
Todas as vozes tens, todas as pompas.

Num grande poço ás vezes me debruço.
á noite. Ignotos ritmos ouço. A ignota
musica em sonho absorvo nota a nota.
E quando accórdo, accórda-me um soluço.

Fica-me só no ouvido o indefinivel
éco daquella musica adoravel
e uma ancia no peito miseravel
como o surdo vagir do inexprimivel.

Esse estranho paiz, esse Eldorado
da belleza, do amor, da poesia,
não é miragem vã da fantasia.
Existe, existe esse éden suspirado.

Patria distante, fica numa estrella.
E' para lá que sóbe a minha prece.
Basta fechar os olhos apparece.
E é preciso ser cégo para vel-a.

Já meu sol se apaga.
Acabou meu dia.
Fiz o que podia;
não espero a paga.

Noite da minha alma !
Esta immensidade
dura a eternidade !
Só Deus sabe a palma !

Renuncio a tudo.
Dormir o infinito
somno de granito,
cégo, surdo, mudo !

Em vão estendo os braços.
Entre nós accumulam-se os espaços.

Buscam-se as nossas ancias
através de distancias e distancias.

Como nos entendermos !
Como o infinito encher destes dois ermos !

Noite, noite do espaço !
Ouço na terra o passo
da morte que caminha.
Sinto-lhe a sombra perto.
Rodeia-me o deserto.
Solidão, patria minha !

Perdido amor ! perdida
pena ! Enganosa vida !
Gloria, amor, amizade...
Que vale um louro obscuro ?
A palma que procuro
cresce na eternidade.

Theorias ! systemas !
Fraca razão humana
que o menor sopro empana !
Velhos sons ! velhos themas !

A causa em vão procuro;
tropéço de erro em erro.
O pensamento é perro,
o entendimento obscuro.

Nalguma ignota estrella
a chave está do enigma.
Mas este é o nosso estygma,
buscal-a e appetecel-a,

e nunca possuil-a !
A face da verdade
é noite e eternidade.
Miseravel argila !

Sentado no granito
Desdenho e cruzo os braços,
Sombra, silencio, espaços,
embalai-me, infinito !

Que lhe basta a esse peito
ávido, insatisfeito ?
Queres pompas reaes,
kremlins e escuriaes,

o throno e a realeza ?
Queres gloria e belleza ?
os thesouros de Ophir ?
Vesper ? Sirio ? Altair ?

Queres o mar profundo ?
Conter a terra e o mundo ?
Queres os céus ? São teus !
A eternidade ? Deus ?

— Noite ! quero o teu manto,
noite, ouvir o teu canto,
canto de adormecer,
de sonhar e esquecer.

Genios da noite, aéreos
espiritos, mysterios
da sombra e do infinito !
Azas ! levai-me, espaços !
Quem me encadeia os passos ?
Teu servo sou, granito ?

Immensidade ! alturas !
virgens extremaduras,
cimos inaccessibleis !
Um sopro me levanta,
um sopro me quebranta.
Possiveis e impossiveis !

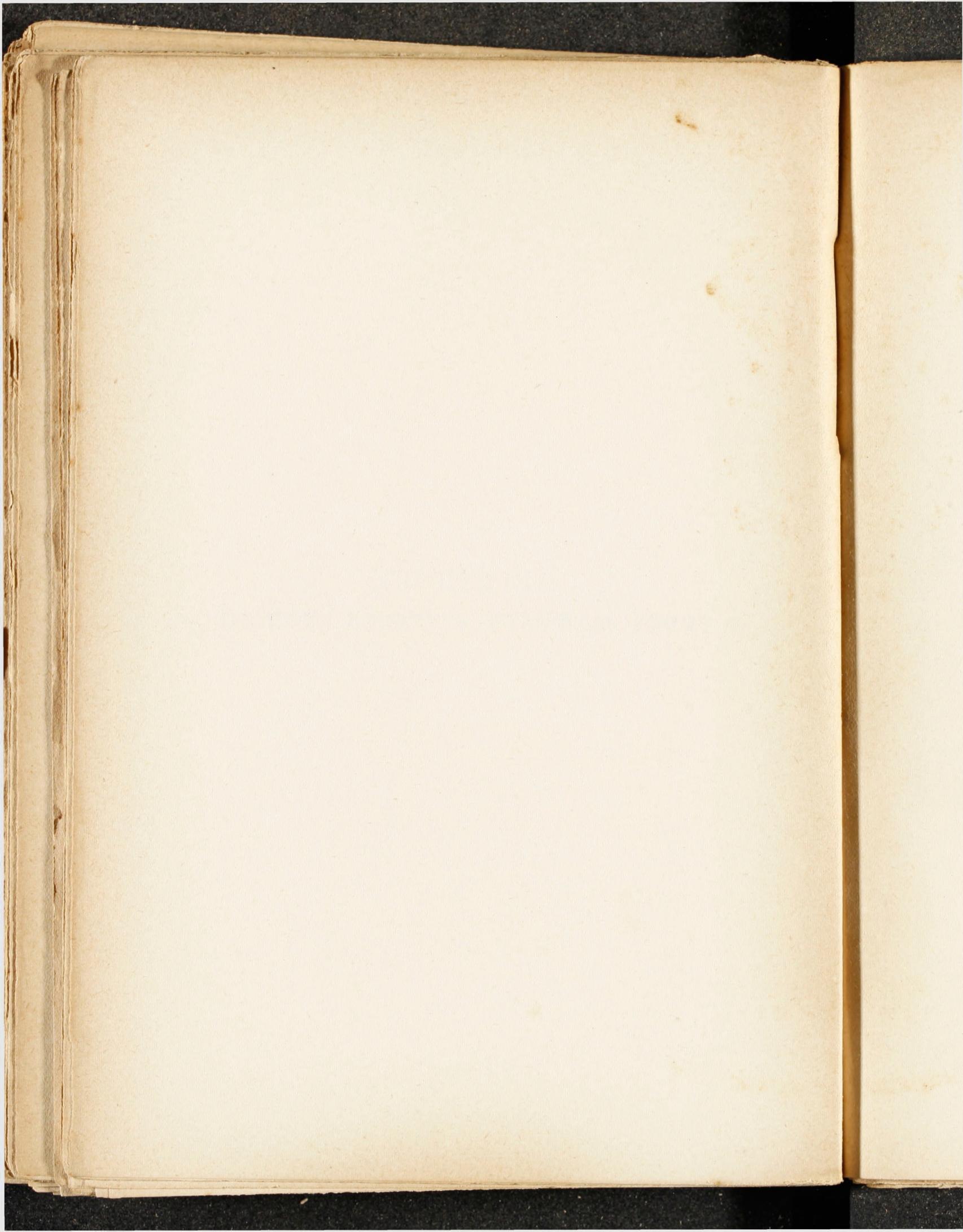
Insupportavel jugo !
Liberta-me, verdugo,
ou quebra esta existencia.
A' primitiva fonte
o espirito remonte,
á sua pura essencia,

no ether immaculado
para sempre embalado
como em braços maternos,
ou cingido de louro
viridente, no côro
dos poetas eternos.

Rosea loquacidade,
frivela ! O' mocidade !
Risos, canções floridas !
Silencio ! adeus ! Varridas
as rosas arrancadas,
as torres derrocadas;
morto o amor, morta e fria
a belleza e a alegria.
Exhalada a suprema
estrophe do poema.

(ES

APPENDICE
(ESTUDOS ALLEMÃES — VERSOS PROHIBIDOS)



ESTUDOS ALLEMÃES

I

Wie schändlich du gehandelt
Ich hab'es den Menschen verhehlet.

Heine.

No mar entre as ondas noturnas,
no vasto, proceloso mar,
eu quero abrir as frias urnas
do meu pranto amargo e chorar.

Ouça o mar vasto e violento
a longa historia amargurada,
o meu amor, o meu tormento,
e o doce nome da culpada.

No mar onde voam as vagas,
os ventos vêm, as vélas vão,
para sarar as minhas chagas
hei de esconder meu coração.

Alli se guarde entre os escolhos
com a minha dôr o meu cuidado
e ninguem saiba a côr dos olhos
que me fizeram desgraçado.

II

Der Ritter ist klug, es faellt ihm nicht ein,
Die Augen oeffnen zu muessen;
Er laesst sich ruhig im Mondenschein
Von schoenen Nixen kuessen

Heine

O nauta do fundo das aguas
ouviu as sereias do mar.
Cantavam de secretas maguas,
de juras feitas ao luar;

de eternos segredos jurados,
de um beijo infinito de amor,
e de palacios encantados
num paraíso encantador;

cantavam de dôres soffridas
no peito que sarar não quer;
de pobres frontes doloridas
que embala um cóllo de mulher,

que uns braços de mulher divina
nas ondas adormecerão...
O pobre pescador se inclina,
tremem-lhe os pés, falta-lhe o chão...

As sercias no mar enorme
levam-n'o e beijam-n'o ao luar.
O pescador finge que dorme
e vai deixando-se beijar.

VERSOS PROHIBIDOS

1

Longe de ti proscripto,
longe do teu regaço,
como um velho erudito
as horas passo.

Bebo o falerno antigo
das crateras do Lacio,
Tibullo ! E digo
versos de Horacio.

Antigos esplendores
resurgem ao meu lado.
Passo entre imperadores,
um exilado.

E escolho um sitio á parte
quando o sol se retira
onde com arte
florir a lyra,

Eis-me, pois, novamente a vogar, mar antigo,
 falso mar ! e de novo eis-me a braços contigo,
 velho avô rabujento em perfidias fecundo !
 Não carregues, tiranno, o sobr'olho iracundo ;
 ah ! não me mettem medo os teus cégos furores.
 Eu, que adoro e conheço os remansos traidores,
 as vertigens do abysmo, as torrentes selvagens,
 e as tempestades, e os naufragios, e as voragens ;
 eu, que saio dos braços della, penetrado
 da delicia cruel e do terror sagrado
 do profano tocando as cortinas do Templo,
 calmo escuto o teu brado inimigo, e contemplo
 indiferente, sem rancor e sem receio,
 mar, ridiculo mar de bonança ! o teu seio.

Ella escutava, timorata,
 e nos seus olhos, de repente,
 vi duas lagrimas de prata
 scintillar, rolar docemente.

Não sei que maguas escondidas
 na sua mente perpassavam
 ou si eram lagrimas mentidas
 que tão docemente enganavam.

Mas um presentimento, um sério
presentimento me dizia
que a terra é vasto cemiterio
miseravelmente vasia;

que tudo tem a mesma sorte,
que tudo acaba nesta vida
ou na despedida da morte
ou na morte da despedida.

4

Depois de tantos tormentos,
ao cabo de tantas maguas,
de novo colhem-se os ventos,
ao leito volvem as aguas.

A noite foi de agonia,
sem luz, sem leme e sem astros,
o vento amargo zunia,
vergava o tope dos mastros.

Senhora, a ti, peccadores,
erguemos mãos supplicantes,
N. S. das Dôres,
refugio dos navegantes.

Bussola dos transviados,
allivio dos sem-ventura,
arca dos desesperados
á beira da sepultura;

bordão do cégo, muleta
do paralytico, braço
robusto e são do maneta,
livra-me deste embaraço !

Doma estas aguas, Clemente,
Divina, amansa este bruto,
eu sempre fui um valente,
Senhora, crê !... mas no enxuto.

Trouxe a manhã claridade,
tranquillidade e conforto;
já perto avisto a cidade,
já fundeamos no porto.

Voltam as cōres do rosto
com a segurança do abrigo;
sente-se um homem disposto,
sereno encara o perigo.

Os meus vestidos no Templo
fiquem aqui pendurados,
humidos. Sirvam de exemplo
aos loucos e aos namorados !

Salamanca, nos teus prados
vão as bellas passeiar,
ao braço dos namorados
pelas noites de luar.

E nas altas alamedas
onde a briza faz zum-zum,
passam com froufrou de sedas
cada umia e cada um.

Tontos da fragrancia dellas
que se espalha em derredor
elles inclinam-se; e as bellas,
para os escutar melhor.

estendem alvos pescocós
e labios soffregos, que
roçam nos labios dos moços...
Um beijo pede-se... — Dê !

E na sombra estalam beijos
e no bosque, á meia luz,
passam subitos lampejos,
reflexos de collos nús...

“Homem cruel, barbaro amigo,
estranya criatura ! Dantes
tu não eras assim commigo...
Foram-se os rapidos instantes...”

Oh, não me venhas com censuras,
deixa esse tom profundo e sério;
tu nasceste para doçuras,
e ha muito amargo no mysterio.

A alma, vê tu, tem seus segredos,
monstros os corações humanos,
mais que os immensos arvoredos
e que os profundos oceanos.

E como o azul das calmas aguas
cobre infinitos de procella,
o coração tem suas maguas
que a bocca humana não revela.

“Devéras, conta-me, querido,
pois não te fartas dos meus beijos?
Ha de vir o dia do olvido;
passam delirios e desejos.”

Ah, nos seus braços adorados
eu calava e comprehendia...
Filha, por mal dos meus peccados
não tardou a vir esse dia.

Para reanimar sonhos defuntos
muitas vezes respiro as murchas flores
que enfeitaram na terra os meus amores,
o seu cabello ! E conversamos juntos.

Como quem volta de viagem, duras
terrás andou, enchem-n'o desenganos,
e acha um amigo dos melhores annos
e relembram passadas aventuras.

Longe, nas brumas de memoria vaga,
doces phantasmas, sombras vaporosas,
passam num turbilhão de arminho e rosas...
Elle, sorrindo curioso, indaga

E a cada apparição (como a memoria
é cousa ingrata e falsa na velhice)
faz por lembrar-se, e não atina, e ri-se,
e exclama: ah! sim !... ah !... conta-me essa historia...

Doces reliquias, letras perfumadas,
ó pequeninos pallidos thesouros,
cabellos pretos e cabellos louros,
falai ! contai ! que é feito das Amadas ?

9

Versos de amor, versos que eu faço,
feitos de angustias e receios,
imaginados no teu braço,
metrificados nos teus seios.

Cousas crueis, rimas suaves,
cheias de ti, do inquietante
mysterio dos teus olhos graves,
da tua boca palpitante;

sonhos de amor, frocos dispersos,
o vento azul leve-os varridos.

Pobres versos, miseros versos...
Vão encantar outros ouvidos.

Nas aventuras do caminho,
em terra estranha, em peito alheio,
encontrarão ninho e carinho
que lhes negaste no teu seio.

Quando eu morrer, no sonno profundo
 não me adormentem sonhos de gloria,
 de gloria vã das cousas do mundo.
 Mirre e pereça a minha memoria.

Beijando-a, expire aos pés da Adorada
 o molle som do instrumento afflichto !
 ultimo adeus da lyra librada
 batendo as azas para o infinito.

Na sepultura caia commigo
 a indifferença da terra inteira;
 falsa é a palavra dada do amigo,
 e o juramento humano é poeira.

Mas o suave aroma dos beijos
 da bocca das mulheres bonitas
 que eu persegui de eternos desejos,
 cabellos, cartas, flores e fitas;

como um bouquet fanado e desfeito
 do quanto amei nesta vida louca,
 quando eu morrer me estejam no peito,
 perto dos olhos, junto da bocca.

Nelle se pouse, nelle adormeça,
toda sonóra dessa doçura
nelle descanse a minha cabeça
enamorada da formosura.

E a sua fragrancia dolorida,
nunca esquecida, ao menos conforte
o horror do beijo da despedida
e a suprema convulsão da morte.



INDICE

C CACAARNSEE CCIACEU F EIIJ

INDICE

ODES

O rebanho	11
A um campeão de natação	14
Ode do Campeonato	16
A Santos Dumont	20
A F. S. M. R.	26
Rio Branco	28
Num templo catholico	29
Sonho de uma noite de outomno	35
Epithalamio Funebre	41
Estancias	43
Ensaios metricos	45

O ULTIMO CANTO DO FAUNO

O ultimo canto do Fauno	51
Canto de Maio	69
Prometheu	65
A um cedro do Libano	67
Outomno	69
Estancias	71
Und Aber	73

ELEGIAS

Esta concha nasceu, como Venus, da onda	77
Interroguei o céu, as ondas, o arvoredo	77
Inutilmente o espirito procura	78
Já foi tempo que amei a luz da madrugada	78

Mestre Affonso, o poeta é o semeador. Semeia	79	Disc
A rajada ululando em noites tenebrosas	79	O p
A violeta de Parma, a tulipa de Hollanda	80	Mal
Nenhum som se compara ao da lingua materna	80	O . i
No mais fundo de mim dorme uma melodia.....	81	A v
Recordo, heróe, recordo. Uma noite do pampa	81	Par
Lola, não te envelhece o tempo nem a edade	82	O . i
Margarida do valle, agreste Margarida	83	Mar
Como podes andar e seguir meu caminho	84	Duc
Tenho dentro de mim vossa imagem presente	85	Pro
Vosso corpo, Climene, é o paiz de chimera	85	Soli
Não me queixo de vós, de quem fui o offendido	87	Sob
Não culpo a mão cruel que me abriu esta chaga	87	Pro
Sabios! Sabedoria orgulhosa e demente	88	O . c
Insensato edifica o que funda no vento	88	Syl
O que sonho é mysterio. O que tópo é segredo	89	Da
Dorme a noite no céu, noite da minha vida!	89	Car
Entre as nuvens do céu, naquelle cimo abrupto	99	O . c
De que vale o rumor de uma gloria importuna	90	Ver
Longe me andaes buscando e de vós estou perto	91	Oso
Filho, a bondade é sol e alegria do mundo	91	Are
Deuses, de tantos bens que a fortuna dispensa	92	Org
Que mais queres de mim, moeidade atrevida	93	Bra
Viesseis hontem, com os vossos labios de creança.....	94	A . c
Deixa-me, este ar suffoca, esta noite asphyxia	95	Mod
Adeus! Meu coração é de exilio e aventura	96	Ver
 A DESPEDIDA	97	O . c
 PARABOLA	105	O . i
 EPIGRAMMAS		INS
 Nacionalismo	111	For
O amphitryão	111	For
Caridade	112	For
A beata	112	For
Aquarella	113	For
Candida	113	CA
A Sirigaita	113	CA
A S. R.	114	CA
Invectiva	114	UL
Cicero	115	Ve.
O poetastro	115	Cel
Curso de declamação	116	Qu
A A. M.	116	Sol
O censor	116	Nu
O conselho	117	Ess
A um pamphletario	117	Já
Caturra	117	

Discordancias	117
O pária	118
Mal de origem	118
O negaceiro	118
A vertigem	118
Parnaso brasileiro	119
O mestre	119
Martialis	119
Duces	119
Prometheu	119
Solus eris	120
Sobre um tumulo	120
Profissão de fé	120
O candidato	120
Sylvaninha	121
Da Anthologia Grega	121
Carlos	121
O epigramma	122
Vergonha	122
Osorio	122
Aretino	122
Orgulho	123
Brasileira, patricia !	123
A cilada	123
Modernistas	124
Vendetta	124
O orador	124
O intruso	125
O facundo	125

INSCRIÇÕES PARA AS FONTES

Fonte de legista	129
Fonte do poeta	129
Fonte do grammatico	129
Fonte do classico	130
Fonte dos jardins	130

CANTO DO CENTENARIO

CANTO DO CREPUSCULO

ULTIMOS VERSOS

Vejo empallidecer a estrella dos meus dias	163
Celeste olhar que me allumias!	163
Que me quer este nome e este segredo?	164
Solitario aprendiz as horas passo	165
Num grande poço ás vezes me debruço	165
Esse estranho paiz, esse Eldorado	166
Já meu sol se apaga	166

Em vão estendo os braços	167
Noite, noite do espaço!	167
Theorias! Systemas!	168
Que lhe basta a esse peito	169
Genios da noite, aéreos	170
Rosea loquacidade	171

ESTUDOS ALLEMÃES

No mar entre as ondas nocturnas	175
O nauta do fundo das aguas	176

VERSOS PROHIBIDOS

Longe de ti proscripto	178
Eis-me pois, novamente a vogar, mar antigo	179
Ella escutava, timorata	179
Depois de tantos tormentos	180
Salamanca nos teus prados	182
Homem cruel, barbáro amigo	183
Devéras, conta-me, querido	184
Para reanimar sonhos defuntos	184
Versos de amor, versos que eu faço	185
Quando eu morrer, no sonno profundo	186

ACABADO DE IMPRIMIR AOS NOVE
DE OUTUBRO DE MIL NOVECENTOS
E TRINTA E QUATRO NAS OFFICINAS
GRAPHICAS D'A NOITE, NO RIO DE
JANEIRO

N

